

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

MULHER: PODER E TRABALHO ENTRE OPERARIAS E EX-OPERARIAS
NO DISTRITO DE PRAZERES - JABOATÃO DOS
GUARARAPES - PE

Dissertação de Mestrado apresentada
ao programa de Pós Graduação em
Antropologia-UFPE para obtenção do
grau de Mestre por **Maria Grazia
Cribari Cardoso**

Orientadora: Prof. Dra. Judith
Hoffnagel.

Recife
(1994)

PE-00016314-2

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
50.739 - Recife - Pernambuco - Brasil

1539 20-10-94

Acervo: 169109

JV.06

RESUMO

Este estudo pretende analisar a trajetória profissional das mulheres de baixa renda e suas implicações nos arranjos de poder no interior do grupo doméstico. Este objetivo foi focalizado a partir das fases do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Enquanto que a análise do poder se baseou na concorrência e cooperação que caracterizam os campos domésticos.

A pesquisa foi realizada entre operárias e ex-operárias residentes em uma vila do bairro de Prazeres, distrito do município de Jaboatão dos Guararapes - PE.

Os dados sugeriram que as relações homem/dominante, mulher/subordinada; autonomia/geração mais velha, dependência/geração mais nova não são definitivas na dinâmica de existência das unidades domésticas, mas antes, o poder se apresenta em processo de construção e desconstrução. Por outra, pode ser sugerido que se a mulher concentrou sua atuação no campo de poder doméstico é porque conseguiu aliar, no momento específico, o fator econômico à sua posição privilegiada na unidade doméstica.

AGRADECIMENTOS

Pela orientação e colaboração agradeço a Profa. Dra. Judith Hoffnagel.

Aos Professores Russel Parry Scott, Salete Cavalcante, Luciano Oliveira, Marcos Aurélio Guedes Alcoforado pelas sugestões e críticas na execução deste trabalho.

Aos moradores da Vila Mário Gouveia sem os quais seria impossível a realização desta dissertação.

Ao **Petit Comité**: Kátia Araújo, Maria Odete Vasconcelos, Clélia Moreira Pinto, Zuleica Dantas Pereira, Lady Selma Albernaz, Sílvia Martins, Ivson Ferreira com os quais compartilhei bons e maus momentos e pelo apoio intelectual. E a todos os amigos que fiz durante o meu curso de mestrado.

Ao meu irmão Aníbal Cardoso dos Santos Neto que sempre se interessou pelo meu trabalho.

Aos amigos Frederico da Luz Guerreiro, Mavíael Tenório e Eduardo Santana que me acompanharam nas horas mais difíceis e pelo otimismo que sempre demonstraram.

A Alexis Neme pelo apoio decisivo para a finalização deste trabalho.

A Gerusa Maria Bandeira pela *infra* prestada nos últimos anos.

A Suerda Dantas Pereira pela paciência e empenho na digitação desta Dissertação.

Ao Mestrado de Antropologia da UFPE, bem como a compreensão da ex-secretária Elisabeth Carneiro Leão e aos auxiliares da secretaria Maria Auxiliadora Leite Pereira e Sóstenes de Santana.

A CAPES pelo financiamento de trinta meses do curso de mestrado.

Como ~~é~~ impossível lembrar de todos que auxiliaram no desempenho desta tarefa, fica aqui registrado minhas desculpas pela omissão àqueles que, direta ou indiretamente, participaram e não foram mencionados.

SUMARIO

0.	Introdução	007
CAPITULO I		
1.	Mulher, Poder e Trabalho no Brasil	011
1.1	Estudos Sobre a Mulher e a Família Brasileira	011
1.2	Mulher, Poder e Trabalho: A Visão Superestrutural	017
1.3	Gênero e Geração no Poder Feminino	023
CAPITULO II		
2.	Dados: Metodologia da Investigação	037
2.1	Caracterização do Bairro	037
2.2	Delimitação do Grupo Investigado	042
2.3	As Entrevistadas e Seus Grupos Domésticos	050
2.4	Coleta de Dados	052
2.5	Técnica de Análise	054
2.6	Apresentação das Informantes	055
CAPITULO III		
3.	Renda da Mulher: Orçamento da Casa Versus Orçamento Pessoal	061
CAPITULO IV		
4.	Divisão Sexual e Geracional dos Trabalhos Domésticos ..	078
CAPITULO V		
5.	Trajetória de Vida: Trabalho e Lazer	093
5.1	Trabalho	093
5.2	Lazer	105
6.	Considerações Finais	114
7.	Bibliografia	119
8.	Anexo	125

A EUROPA DA MULHER

Eu sou Ofélia. Aquela que o rio não conservou. A mulher na forca. A mulher com as veias cortadas. A mulher com excesso de dose SOBRE OS LABIOS NEVE a mulher com a cabeça no fogão a gás. Ontem deixei de me matar. Estou só com meus seios, minhas coxas, meu ventre. Rebento os instrumentos do meu cativeiro - a cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de batalha que foi o meu lar. Escancaro as portas para que o vento possa entrar e o grito do mundo. Despedaço a janela. Com as mãos sangrando rasgo as fotografias dos homens que amei e que se serviram de mim na cama, na mesa, na cadeira, no chão. Toco fogo na minha prisão. Atiro minhas roupas no fogo. Exumo do meu peito o relógio que era o meu coração. Vou para rua, vestida em meu sangue.

Heiner Müller

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre mulher e família no Brasil possuem uma configuração sólida dentro da investigação antropológica. A amplitude do tema e a diversidade de abordagens que ele permite proporcionam uma análise substancial da condição da mulher na sociedade brasileira. Apesar da diversidade de abordagens, a questão do poder, vista sob a perspectiva macro estrutural, aponta para o pólo da dominação masculina e a subordinação feminina como uma situação estática.

Pretendo nesta dissertação analisar as práticas do poder feminino nas relações sociais do grupo doméstico sob o âmbito do trabalho remunerado de operárias e ex-operárias, como também de possíveis alterações das relações de trabalho dentro do domínio doméstico. É necessário salientar, que na análise sobre as relações de poder entre gênero e geração, deve-se destacar a existência da unidade de um sistema de posições sociais e que o desempenho econômico feminino articulado a este sistema, revela a trajetória do poder na unidade doméstica.

Assim, esta dissertação tenta tratar das relações domésticas - mais especificamente - a relação feminina versus grupo familiar no ambiente doméstico. O estudo privilegia unidades domésticas de baixa renda localizadas nas imediações do complexo industrial de Prazeres, distrito do município de Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife.

Adotei o ponto de vista de Bourdieu (1983, 1987, 1989) que

concebe a sociedade dividida em campos dentro dos quais existe uma luta concorrencial pelo poder como exposto no primeiro capítulo desta dissertação. Partindo desta orientação, pretendo me deter sobre como determinados membros dos grupos domésticos articulam sua atuação no campo econômico para a concentração de poder na unidade.

Também analisarei a trajetória do poder nas unidades domésticas seguindo os princípios do conceito de ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico definido por Fortes (s/d), e aprimorado para o estudo em contextos urbanos por Fausto Neto (1982). Tal opção permitirá observar as modificações das relações de poder entre os gêneros e a geração no percurso existencial das unidades domésticas. Cada fase do ciclo de desenvolvimento do grupo será visto à luz de três elementos sobre os quais se constroem o campo de poder doméstico:

- 1 - Controle sobre o orçamento da casa e o orçamento pessoal;
- 2 - Controle sobre a organização da casa e dos filhos;
- 3 - Controle sobre a vida pessoal feminina (trabalho e lazer).

A constituição destes elementos como capazes de acompanhar a trajetória do poder feminino, deveu-se ao fato de que neles encontramos propriedades que em parte, provêm do domínio doméstico e, em parte da estrutura externa da sociedade.

Parto do princípio de que os controles sobre o orçamento da casa, a organização da casa e dos filhos, nos dão pistas a cerca das influências femininas em determinados aspectos do âmbito

doméstico. Seriam elementos fundamentalmente do domínio interno à unidade.

Enquanto que os controles sobre a vida pessoal feminina (trabalho e lazer), e sobre o orçamento pessoal, indicam aspectos ligados ao foro íntimo e ao universo individual, consequentemente, ao auto controle sobre a vida pessoal.

Já explicados os motivos desta dissertação, passarei a descrever como ela foi organizada.

No primeiro capítulo, discuti o quadro referencial teórico e conceitual que orientam esta dissertação. Subdividi este capítulo em quatro itens que discorrem sobre um apanhado de estudos a cerca da mulher e da família brasileira; uma discussão em torno da visão superestrutural da condição feminina, e por fim, acrescento considerações sobre questões relativas ao gênero e geração que influenciam no poder feminino.

No segundo capítulo, apresento a metodologia da investigação. Procuro caracterizar o bairro e o grupo investigado. Contém ainda neste capítulo, a coleta de dados e a técnica de análise, bem como, uma apresentação detalhada das informantes.

No terceiro capítulo, trato da questão do orçamento do grupo e o destino da renda auferida pela mulher, dentro da unidade doméstica.

No quarto capítulo, relato a distribuição sexual e geracional dos trabalhos domésticos entre os membros da unidade. Parto

do princípio de que os controles sobre a organização da casa e dos filhos, sugerem explicações acerca das influências femininas neste domínio doméstico.

No quinto capítulo, discuto como a trajetória do trabalho remunerado é influenciada pelos arranjos de poder decorrentes do binômio gênero/geração forjado no interior do grupo doméstico. Também tratei da organização pessoal do divertimento e lazer como controle sobre a vida pessoal feminina, indicativo de aspecto ligado ao foro íntimo e ao universo individual, ou seja, revela a autonomia das decisões.

Logo após as considerações finais segue a bibliografia utilizada e um anexo, composto do roteiro de entrevista.

CAPITULO I

MULHER, PODER E TRABALHO NO BRASIL

1.1 Estudos Sobre a Mulher e a Família Brasileira

Os trabalhos existentes relativos à situação da mulher e da família no Brasil têm focado os mais variados aspectos das questões femininas. Os diversos temas associam-se aos mais distintos modelos teóricos e/ou metodológicos no estudo de todas as camadas sociais. Corrêa (1983) afirma que essa variabilidade de discussão da problemática feminina é responsável pelas descontinuidades no campo de estudos sobre a mulher e a família no Brasil.

O tema econômico é um dos que tem recebido maior revêlancia entre os pesquisadores. Aguiar (1984) critica os marcos teóricos utilizados para a mensuração das atividades das mulheres na força de trabalho, especialmente os dados censitários, que geralmente usam categorias de coleta de informações segundo os parâmetros econômicos dos países capitalistas, inadequados para retratar a organização social da produção dos países em desenvolvimento. E mais ainda, para perceber a especificidade da atividade econômica da mulher nesses países.

Bruschini (1988) também critica os marcos teóricos utilizados, para diagnosticar o trabalho feminino, quando estes seguem as regras da economia de mercado predominante nos países capita-

listas, pois são inadequadas para avaliar economias onde predominam as atividades informais e agrícolas. Revelam-se ainda mais incompatíveis para perceber a especificidade da atividade econômica feminina. Analisando os dados dos censos demográficos de 1970 e 1980, e dos PNAD, a autora constata que a presença da mulher na força de trabalho brasileira vem se ampliando. No entanto, as possibilidades que a mulher tem de responder às demandas do mercado, estão condicionadas por fatores individuais e familiares como a idade, o estado conjugal, a existência de filhos, o grau de instrução. Revela também que as oportunidades de emprego para as mulheres sempre se concentram no setor terciário, e dentro dele, no setor de serviços, onde se encontra os mais baixos salários e o menor prestígio. Preocupa-se com a questão da sexualização das ocupações.

Calabria (1985) trata de como a economia nordestina vem absorvendo a força de trabalho feminina. Com base em dados censitários no período de 1950 a 1980, verifica se a absorção nordestina seguiu o padrão nacional. Constata a sexualização das ocupações no Nordeste ao observar que a participação feminina regional no terciário é mais elevada que a participação nacional, principalmente no setor de serviços. Saffioti (1984) trata da questão referente ao impacto da industrialização na estrutura do emprego feminino. A autora indica discriminações contra as mulheres e conclui como o modo de produção capitalista segrega a mulher da produção social.

Souza Lobo (1991) pesquisa o universo da produção e do trabalho a partir das relações de gênero. Analisa as

representações e a experiência da dominação na vida operária. Situa o lugar do trabalho assalariado na construção de uma nova identidade feminina. Sobre a integração feminina ao mercado de trabalho, Schminck (1976), estudando um bairro operário na cidade industrial de Contagem - Minas Gerais - pesquisa sobre o trabalho feminino fora do lar, e postula que os determinantes do papel produtivo da mulher se encontram no conjunto de relações de produção dentro da família.

Abreu (1993), estudando trabalhadoras a domicílio, explica o papel das ideologias de gênero na construção de uma atividade produtiva. Observa que a identidade de gênero das mulheres costureiras a domicílio está numa associação muito próxima ao mundo doméstico. Prado (1979) aborda o papel da esposa em seu aspecto histórico, sociológico e econômico. Procura mostrar como esse papel assume diferentes formas conforme a sociedade em questão, e a etapa histórica vigente. Conclui que o papel de mãe e esposa permite aos poderes dominantes exercer um controle social e econômico, e ao mesmo tempo, corresponder a uma expectativa ideológica do sexo masculino.

Fausto Neto (1982) centraliza-se na questão das estratégias de sobrevivência e reprodução da força de trabalho. Constata as transformações da autoridade familiar de acordo com o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Woortmann (1983) evidencia como a família trabalhadora articula o emprego formal e o informal para sua reprodução. Defende que as atividades informais constituem mecanismos de acumulação e ascensão social.

A questão ideológica também tem sido tratada pelos mais variados ângulos. Saffioti (1979) enfatiza os mecanismos através dos quais o fator sexo (usado como instrumento de opressão feminina) opera nas sociedades de classe para alijar da estrutura ocupacional grandes contingentes de mulheres. Fonseca (1988) aborda, especificamente, a questão do aborto. Verifica que a sexualidade feminina não é vista como um todo, e tende a ser dissociada das outras exigências da personalidade. Revela como a educação formal e a ideologia dominante no campo da saúde, física e mental, leva as mulheres a associar a satisfação dos impulsos sexuais com sua reprodução dentro do quadro do matrimônio. Duarte (s/d) trata do valor da sexualidade nas classes trabalhadoras e como esta se ordena sob os marcos de outra visão de mundo. Conclui que o prazer não é um valor em si. O sexo está subsumido à moralidade e tudo o que ele abarca se apresenta mediado do respeito, códigos e situações adequadas a face da reprodução e obrigação social.

Durham (1980) procura entender a persistência e a valorização da família na sociedade industrial. Percebe que a família aparece como núcleo de atividades coletivas em oposição à individualidade das atividades do trabalho. É na família que se coletiviza o consumo, e é nela que se constrói as representações sobre a sociedade. Dantas Pereira (1994) analisa as lutas pelo poder imbricadas em um terreiro de xangô, procurando entender as influências do parentesco sagrado e do parentesco profano. Woortmann (1982) estuda a importância da casa na família operária, e demonstra como ela é relevante não apenas do ponto de vista

material, mas também por ser o mapa simbólico da organização familiar. Mostra como a ideologia da casa relaciona-se à ideologia da família.

Estudando a questão política, Pena (1988) analisa a participação feminina na luta dos trabalhadores e no movimento sindical, e revela a contribuição das mulheres na população economicamente ativa desde o século passado. Evidencia, também, a diminuição da população feminina no setor industrial a medida que este se expande. Carvalho (1988) questiona a problemática feminista da atualidade: a participação ativa da mulher e sua inserção plena na cidadania. Pesquisando mulheres feministas ligadas a partidos políticos e feministas ligadas aos movimentos de emancipação de mulheres, conclui que a igualdade no processo decisório é uma reivindicação que atinge todas elas, e apresenta-se como uma escolha oriunda dos movimentos sociais, suprapartidários por excelência.

Giuliani (1989) estuda a inserção das mulheres nas organizações sindicais. Analisa a contestada e conflitiva relação mulher-sindicato. Verifica que pelo lado dos dirigentes há um reconhecimento quase utilitarista da contribuição feminina. Do lado das mulheres constata uma insatisfação com as modalidades de integração oferecidas pelas organizações sindicais, e a revelação da violência e perigos a que são expostas na sua prática política.

Quanto a organização familiar, Sarti (1983) se concentra no trabalho doméstico e critica os limites contidos na análise

econômica desta atividade, a qual relega a segundo plano a problemática da família. A autora descarta o conteúdo empírico dessa atividade, que a faz produtora de valores de uso, e enfatiza que o trabalho doméstico dentro da família é, sobretudo, uma atividade para os outros. Observa como na prática das atividades reprodutivas vai se forjando um modo de ser feminino. Zaluar (1982), dentro do âmbito das atividades domésticas, focaliza a mãe ou dona de casa, tentando perceber o controle da renda familiar, a locação, produção e distribuição das mercadorias pela família. Rodrigues (1980) faz um estudo entre operários e funcionários públicos, e constata como a vivência das mesmas condições materiais de existência, historicamente dadas, forma um habitus de classe. Trigo e Brioschi(1990), dentro do mesmo marco teórico descrito acima, tem como objetivo traçar um panorama geral da organização das famílias da camada dominante no Sudeste brasileiro, sobre o pano de fundo de sua evolução histórica.

Scott (1990) faz um estudo comparativo entre as percepções e experiências masculinas no domínio doméstico e mulheres em condições matrifocais. Percebe que o gênero é um elemento diferenciador nas definições de como são vividos as fases do ciclo doméstico, e na representação da casa nas estratégias masculinas e feminina. Blay (1981) trata especificamente de famílias operárias e sua relação com a vila. Demonstra serem as vilas operárias uma solução encontrada pelos industriais para resolver o problema da moradia da força de trabalho assalariada empregada pela emergente indústria capitalista. Verifica como estas vilas permitiram a acumulação do capital a ser investido na indústria e na sua

reprodução ampliada. Alvim (1979), a partir de um estudo de caso específico, trata do lado familiar de um grupo operário. Observa como a indústria têxtil aproxima as esferas de trabalho e da moradia dos seus operários. Revela como a relação entre o grupo doméstico e a fábrica é mediada pelo chefe de família e sua mulher.

A questão feminina é vista sob os mais variados aspectos (educação, saúde, sexualidade, feminismo ...) que permitem uma análise ampla sobre a condição da mulher na sociedade brasileira. Como ressaltai no início, Corrêa (1983) avalia essa variabilidade como causadora de uma descontinuidade nos estudos nessa área. No entanto, na minha avaliação, tal variabilidade pode ser entendida como uma riqueza de dados que ao serem relacionados, dão um panorama geral e múltiplo da situação da mulher.

1.2 Mulher, Poder e Trabalho: A Visão Superestrutural

A problemática do poder, no entanto, inserida no campo de estudos sobre a mulher e a família, embora sendo vista sob a luz dos mais variados temas (religião, linguagem, uso do trabalho, político, etc, ...), parece que tem sido tratado por uma ótica unitária: a do estabelecimento de modelos macro-estruturais onde se inscrevem o pólo entre a dominação masculina e a subordinação da mulher.

Os trabalhos de Saffioti (1979, 1984, 1987), são exemplificadores deste contexto de estudos, que tratam do mecanismo de

exploração da força do trabalho pelo modo de produção capitalista, e articulam essa situação com a questão da opressão feminina no lar. A referida autora afirma que a opressão e a exploração são aspectos específicos de um processo que se reveste de várias dimensões, ou seja, o do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas. A exploração deriva das relações de produção capitalistas, na qual homens e mulheres estão sujeitos enquanto trabalhadores. A opressão e subordinação feminina, por sua vez, se revestem de aspectos ideológicos quanto a função da mulher no lar. Mas, tanto a opressão, quanto a exploração têm um fundamento único: o de natureza econômica.

Saffioti contesta a idéia de que, com a constituição da sociedade industrial, a mulher foi lançada no mercado de trabalho. Ela defende que essa crença generalizada é apenas parcialmente verdadeira e que, embora haja uma tendência relativa para a elevação da mão de obra feminina, esse crescimento tende a se estabilizar, e que a integração, ou não, da mão de obra feminina está sujeita a variações no próprio sistema capitalista, segundo períodos de crise, superprodução, pequena produção e conflitos mundiais. Para Saffioti, a realização plena da sociedade capitalista, modo de produção constituído de um processo de relação social contraditório, dificulta a participação da mulher no mercado de trabalho. O desenvolvimento das forças produtivas é incompatível com a integração da mulher na sociedade.

Saffioti argumenta que o processo de marginalização da mulher encontra sua explicação no desenvolvimento das forças

produtivas capitalistas. Entendendo-se, como forças produtivas capitalistas, um tipo de desenvolvimento das forças produtivas cuja constituição está delineada por um processo de acumulação de capital.

O argumento da autora citada é que no processo típico, do modo de produção capitalista, homens e mulheres igualmente estão sujeitos aos mecanismos próprios do sistema. Agora, sendo as mulheres historicamente colocadas numa posição inferior aos homens, com o advento do modo de produção capitalista, a mulher se integra parcialmente neste sistema de produção, em virtude de sua dupla determinação: a de sexo e a de classe social.

Para Saffioti, elementos da ordem da superestrutura, baseados numa tradição de que à mulher só caberia os serviços domésticos, servem como mecanismos de manutenção da ordem social capitalista. O sexo, característica inerente aos seres humanos, reelaborado socialmente, e elementos morais fundamentados numa ordem tradicional de que a mulher está destinada aos serviços intra-lar, ou que sua presença é primordial ao equilíbrio da família, ou mesmo indispensável no cuidado dos filhos, antes de obstaculizar a plena constituição do sistema econômico-social capitalista, se integram a este de modo a dar um caráter de menor importância ao trabalho feminino, levando a força de trabalho feminina a integrar o contingente de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho.

A marginalização da mulher dentro da sociedade capitalista, segundo Saffioti, vai se realizar pelo uso de um fator universal:

o sexo. A opressão feminina se manifesta por meio da manipulação social do sexo. Manipulação esta que varia segundo o modo de produção. Na nossa sociedade, no modo de produção capitalista, as características biofisiológicas femininas são apresentadas como obstáculo ao seu desenvolvimento social. Encobrendo o uso racional destas características, apresentadas como verdadeiros impedimentos à realização da mulher enquanto ser humano, dando lugar à dimensão opressiva da inferiorização feminina. Condição esta que, por sua vez, se reflete na divisão social do trabalho e que viabiliza a exploração enquanto condição de classe.

Por outro lado, a falta de qualificação técnica específica, sobretudo nas camadas mais pobres da população, contribui significativamente para a integração parcial da mulher nos sistemas capitalistas de produção. Soma-se a isso, segundo Saffioti, a socialização parcial das mulheres quanto à profissionalização. Cardoso afirma que:

"O trabalho extradoméstico é encarado pela mulher como subsidiário, como auxiliar ao orçamento doméstico, e sem pretensões de seguir carreira assim é que quando, numa situação de casamento ou de se tornar mãe, a tendência de grande parte das mulheres é abandonar o trabalho. Então, para o empresário capitalista o investimento na qualificação da mão de obra feminina torna-se anti-lucrativo, levando-o a preterir a força de trabalho feminina em benefício da mão de obra masculi-

na, ou então, só aceitando o trabalho da mulher quando ela é solteira e sem filhos." (Cardoso, 1987:20).

Desvendando o processo através do qual, no sistema capitalista, a mulher é alijada do processo de produção, Saffioti argumenta sobre a opressão feminina no lar, e como esta serve aos interesses maiores do modo de produção capitalista. O próprio homem paga um preço pela dominação sobre a mulher: dado que, todo trabalhador mantém vínculos com mulheres, desde parentes consanguíneos, afins ou agregados como por exemplo: mãe, irmã, esposa, filha, cunhadas, etc; e dado que, na nossa sociedade, o salário do trabalhador de baixa renda não é suficiente para cobrir os gastos de todo o grupo, toda vez que uma dessas mulheres receber salário inferior os prejuízos vão recair sobre toda a família e sobre o homem também.

A autora vai em frente na discussão de poder, porque verifica a sua existência além dos limites do Estado, como é definido pelas Ciências Política e Jurídica, que só reconhecem o poder político. Saffioti acredita que a vivência a nível micro, como a relação entre homem/mulher, é pautada por relações de poder.

No entanto, na análise da situação da mulher na sociedade onde predomina o sistema capitalista de produção, sob a ótica do materialismo histórico, o processo de discriminação feminina seria o primeiro passo para a consolidação do poder do homem sobre a mulher e, em última instância, o poder dos que controlam o poder político e econômico, sobre os socialmente desfavoreci-

dos. O instrumento dessa discriminação é a naturalização do espaço doméstico como um local essencialmente feminino. Retira-se os determinantes históricos, ao ressaltar-se uma possível "*natureza feminina*" para os papéis desempenhados pelas mulheres. Constrói-se, então, pelo poder político e econômico, uma ideologia do trabalho doméstico feminino para mascarar a realidade da opressão e exploração da mulher. Saffioti afirma que:

"Dada a desvalorização social do espaço doméstico, os poderosos têm interesse em a crença de que este papel sempre foi desempenhado por mulheres. Para a solidificação desta crença nada melhor do que retirar desta atribuição de papéis sua dimensão sócio-cultural. Ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se as características "*naturais*" destas funções. Tais papéis passam a se inscrever na *natureza feminina*." (Saffioti, 1987:11).

Ao fazer a correspondência entre o poder econômico e político e os poderosos detentores dos meios de produção, a autora citada, pensa o poder como limitador e dotado apenas do poder do não, ou seja, parafraseando Foucault (1979) "*a forma negativa do interdito*". O poder é visto como "*monstro abominável*".

Toda a perspectiva de Saffioti está fundamentada no pólo

dominante/subordinado. É a representação do "*poder de soma zero*" (Lebrun, 1991) que implica que o poder que alguém possui é contrapartida do fato que outro alguém não o possui. O poder de A implica o não poder de B. Uma matriz global e uma oposição binária entre dominantes e subordinados.

Além do mais, a separação clássica entre homem/dominante e mulher/subordinada é, para Saffioti, definitiva no curso da existência do grupo doméstico. Essa situação é vista como inalterável. A autora não alerta para variações deste modelo clássico de dominação do homem sobre a mulher durante o percurso de existência do grupo. Principalmente em grupos de baixa renda, onde a situação de inserção do homem na estrutura econômica não muda a curto prazo, podendo favorecer em certos momentos a inversão deste modelo de subordinação/dominação na unidade doméstica. O poder econômico seria suficiente, segundo Saffioti, para tirar a mulher da condição de subordinada dentro do grupo doméstico. Neste sentido, esta pesquisa tenta evidenciar como se harmonizam os arranjos de poder no desenvolvimento do grupo doméstico.

1.3 O Gênero e a Geração no Poder Feminino

Qualquer análise sobre as relações de poder entre os gêneros deve atentar que na unidade existe um sistema de posições sociais, e que o desempenho econômico feminino, articulado a este sistema, é que revela a trajetória do poder na unidade doméstica.

Adoto o ponto de vista de Bourdieu (1983), que concebe a

sociedade dividida em campos. Para esse autor o campo é formado por um sistema de relações objetivas, construído por meio de alianças e/ou conflitos, de concorrência e/ou cooperação entre posições diferenciadas socialmente definidas.

Outra característica do campo é a cumplicidade do antagonismo, ou seja, uma oposição complementar implícita no jogo de forças do campo. Outra propriedade, já menos visível de um campo: todas as pessoas que estão engajadas num campo têm um certo número de interesses fundamentais em comum, a saber, tudo aquilo que está ligado à própria existência do campo, daí a cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos. Trigo e Brioschi afirmam que:

"Cada campo é marcado por interesses específicos e regras de funcionamento próprias sendo que as interações produzidas no seu interior são determinadas pela lógica de estruturação e funcionamento desse mesmo campo" (Trigo; Brioschi, 1990:2).

Aqui, importa salientar, que utilizarei a noção de campo para entender as relações de poder no grupo doméstico. Nesse sentido, a posição ocupada por cada membro da unidade no espaço do grupo, revela as relações que se estabelecem na unidade doméstica.

O grupo doméstico é o locus de transmissão do habitus de classe, isto é, promove o conhecimento das disposições para agir

dentro da camada social específica na qual o membro do grupo está inserido.

Acredito na possibilidade de existência de relações entre o campo econômico e o campo das relações domésticas, esta interação sendo fundamental na estruturação deste último. Estudando a relação entre famílias e a sociedade maior, Trigo e Briochi afirmam que:

"Trabalhos mostrando a atuação política, social e econômica estruturada a partir da matriz do campo familiar comprovam essa prática em diferentes camadas sociais" (Trigo; Briochi, 1990:3).

Pretendo me deter sobre como determinados membros do grupo doméstico articulam sua atuação no campo econômico para a concentração de poder neste grupo. Adoto o conceito de unidade doméstica ao invés de família, por abarcar, este primeiro, um número maior de relações primárias. O conceito de família é utilizado nas ciências sociais no sentido de grupo estruturado através de relações de afinidade e consanguinidade. O conceito de grupo doméstico, ao contrário, se aplica a uma unidade onde os membros reúnem-se embaixo do mesmo teto. Concordo com Durham (1980) quando a autora defende que a família se constitui como um grupo doméstico, mas este último possui uma dimensão mais ampla na medida que pode incluir pessoas que não fazem parte exclusivamente do círculo familiar, ou mesmo, se constituir como unidades não familiares.

No entanto, a unidade doméstica não se caracteriza apenas por ser um grupo com um sistema estruturado e mais elástico de relações sociais, ou seja, sua característica exterior. A unidade doméstica se caracteriza, também, por ser uma unidade produtiva que resulta num produto específico: força de trabalho. A este respeito Schminck chama a atenção:

"Se definirmos a unidade doméstica como um conjunto de pessoas que habitualmente se alimentam juntas e residem no mesmo domicílio, estamos definindo um conjunto de atividades que resulta num produto, a mão de obra potencial. Tal produção, como qualquer outra, requer insumos (recursos materiais e mão de obra) para ser realizado, e como toda a transformação depende da aplicação de mão de obra humana, fornece a base de toda a produção futura" (Schminck, 1976:1-2).

Como unidade de produção de força de trabalho, os grupos domésticos articulam uma série de atividades que resultam na produção de mão de obra potencial. Neste sentido, Scott afirma que as características particulares de produção de força de trabalho em grupos específicos de baixa renda é determinante:

"Na reprodução da sociedade, uma vez que esta se dá de forma segmentada através da reprodução de seus grupos" (Scott, 1988:51).

Um dos objetivos dos agentes envolvidos numa unidade doméstica é a cooperação econômica para garantir as necessidades de consumo do grupo, no sentido de reproduzir a força de trabalho. Dessa forma, a intenção desta pesquisa é investigar, em populações de baixa renda, se a inserção de esposas e filhas no mercado de trabalho altera as relações de poder no grupo doméstico. Tal assertiva se baseia na conjuntura econômica durável e maior, onde o salário e a mobilidade de emprego, não permite a manutenção da hierarquia tradicional em que a renda do pai é suficiente para suprir as necessidades citadas anteriormente.

A idéia de campo, com suas regras de funcionamento próprias, ajudará a entender os arranjos domésticos. Governado por um sistema estruturado de relações sociais a unidade doméstica tem, no gênero e na geração, os seus eixos organizacionais. Eles definem comportamentos e funções produtivas diferenciadas de acordo com a posição de cada membro no grupo, segundo papéis básicos como os familiares, sexuais e de idade.

As relações sociais existentes nesses grupos têm um caráter dinâmico, uma vez que as relações homem/mulher, geração nova/geração velha, se renovam e se reorganizam continuamente, através da trajetória que o grupo perfaz durante sua existência.

Concordamos com Balandier (1976), ao afirmar que, delineando-se uma estrutura de poder nos grupos domésticos, a natureza dinâmica das relações sociais existentes na unidade encontra-se na "lógica da oposição e do antagonismo", ou seja, na complementaridade tensional que se estabelece entre gênero e geração

nestes grupos. Esta oposição complementar está subjacente aos interesses comuns de sobrevivência da unidade.

A condição feminina é vista, pela maioria dos autores, como marcada pela inferioridade, uma vez que a mulher está relacionada com o contexto subordinado da casa. Só escapa a esta desvalorização a sua função de mãe.

O homem é definido como provedor de recursos para sustentar a casa, isto é, está ligado ao contexto dominante da rua. Scott alerta que:

"A variação de grupo social em grupo social em ações e representações descobre como as realidades concretas de cada um reforça ou enfraquece a relação dominante/subordinada na dicotomização entre rua e casa" (Scott, 1988:47).

Porém a oposição clássica, homem/dominante e mulher/subordinada, não é definitiva. Não só a variação de grupo social em grupo social vai revelar alterações nesse esquema de poder doméstico. Acredito que, qualquer análise das relações de poder em grupos domésticos, devem também fazer referência ao ciclo de desenvolvimento do grupo. Este conceito foi usado por Meyer Fortes (s/d) para descrever determinadas fases por que passam as famílias na sua existência de vida. Meyer Fortes estudava as famílias dos Iban, Fulani e Lo Dagaba na África. Estabeleceu um modelo no qual distinguia três estágios no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. A fase de expansão, que vai

desde o casamento de duas pessoas até a completa formação de sua família de procriação; a fase de dispersão, ou cisão, que começa com o casamento do filho mais velho e continua até todos os filhos se casarem; e, por último, a fase de substituição, que culmina com a morte dos pais e a reposição na estrutura social da sua família pela família de seus filhos. Já Fausto Neto (1982), estudando famílias operárias num contexto urbano, toma como elemento determinante, na definição de cada fase, a possibilidade de inserção dos diferentes membros da família no processo de luta pela sobrevivência.

A primeira fase, ou fase de expansão, corresponde, segundo Fausto Neto:

"A etapa inicial de constituição do grupo familiar com a união de um homem e uma mulher e o nascimento dos filhos" (Fausto Neto, 1982:48).

Nesta primeira fase se atualiza o modelo clássico de família: o homem sendo o agente econômico principal e a mulher voltada para o âmbito doméstico. Cabe à mulher operária a realização de todas as tarefas da casa. Estas, constituem-se basicamente em alimentação da família, cuidados com os filhos, limpeza da casa e de roupas. Todo o potencial da força de trabalho feminina é gasto dentro de casa nas realizações das tarefas domésticas. Como afirma a referida autora:

"Todo o esforço da família é para criação dos

filhos e os seus estudos" (Fausto Neto, 1982:48).

A possibilidade de inserção dos filhos no mercado de trabalho, é a principal, característica da segunda fase, ou fase de dispersão, de desenvolvimento do grupo doméstico. A luta pela sobrevivência vai contar com as atividades ocupacionais dos filhos adolescentes, embora os pais permaneçam os principais responsáveis pelo sustento da família. Esta é a fase mais complexa para o grupo operário, uma vez que, a participação econômica da mulher e dos filhos, altera as relações de força na família.

A terceira fase, ou fase de substituição, caracteriza-se, segundo a definição de Fausto Neto:

"Como aquela fase onde os filhos, ainda solteiros, passam a ser os elementos produtivos mais importantes". (Fausto Neto, 1982:48).

Quando a figura do pai está presente na família não é o seu salário que garante o nível de sobrevivência do grupo. Quanto à mãe, ao contrário, não é superada nos seus conhecimentos domésticos. A autora afirma que:

"A nível das tarefas domésticas concretas as mães continuam sendo as executoras fundamentais (...) quer a nível de sabedoria acumulada, quer no campo de criação de crianças, quer no campo de saúde, quer no campo de

preparo de alimentos, quer no campo de conselhos existenciais, a experiência da mãe raramente é dispensada ou considerada superada."

(Fausto Neto, 1982:48).

Dessa forma, o estudo das três fases aprofunda o conhecimento dos mecanismos de poder no interior da unidade doméstica, e evidencia as mudanças do poder feminino de acordo com a trajetória da mulher no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

A oposição e o antagonismo também modelam o caráter das relações entre as gerações. O fator idade apresenta-se sobre o aspecto da subordinação, que liga o grupo mais jovem ao grupo dos genitores. Subordinação esta, decorrente do aprendizado dos modelos sociais e dos valores dominantes no grupo, como também, por não disporem de recursos para promoverem sua própria subsistência. Nesse sentido, os papéis de idade definem a posição do agente na unidade doméstica. O poder dos pais fundamenta-se em seus papéis de produtores e reprodutores sociais da nova geração dependente, subordinada até o momento que ela, por sua vez, tenha acesso a esse papel. Cada agente sabe que com a passagem dos anos vai mudar o seu lugar na unidade. Quem era filho vai chegar a ser pai. Assim, a própria estrutura das relações de forças se alteram. A perspectiva de estudo geracional, a exemplo do gênero se enriquece ao ser vista através do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

Gênero e geração são os principais articuladores internos do

poder e da distribuição dos papéis na unidade doméstica. Os bens simbólicos correspondentes a cada um desses eixos organizacionais, transformam-se em capitais sociais que cada agente possui no jogo de poder do grupo doméstico. A conservação, ou a subversão desta distribuição no campo doméstico vai depender da manipulação, ou não, de um elemento externo ao grupo: o trabalho remunerado como um bem simbólico. Como afirma Bourdieu:

"O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar - reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia"(Bourdieu,1989:15).

O processo de construção de um campo de poder nos grupos

domésticos passa pela articulação do gênero e da geração com o trabalho remunerado.

Numa perspectiva de gênero, o valor do trabalho remunerado do homem/chefe de família justifica-se pela satisfação das necessidades de consumo da unidade, mas também o trabalho do homem vai significar para a esposa/dona de casa a garantia de um lar estruturado, uma casa, uma família organizada, como afirma Scott (1990), garantia de sua reputação enquanto mãe e esposa.

O trabalho remunerado da mulher também é investido desse duplo aspecto valorativo: a importância material, uma vez que, na baixa renda, o salário do pai/chefe de família é insuficiente para sozinho cobrir as necessidades de consumo do grupo, e, uma importância social, transformada em valor simbólico, fruto do processo de construção de uma nova identidade feminina autônoma em relação aos papéis e expectativas da família. Embora, para os agentes sociais da baixa renda, o lado material do trabalho feminino, da mãe/esposa e/ou filha, não seja reconhecido enquanto tal, sendo visto apenas como uma "ajuda" secundária ao orçamento da casa.

Mas esta aparente desvalorização do trabalho feminino remunerado, ou seja, o não reconhecimento da importância da contribuição econômica para a subsistência da unidade, encobre entretanto, o valor simbólico deste trabalho no campo da unidade doméstica. As lutas pelo poder doméstico são decorrentes da conjugação de um trabalho remunerado a uma posição dentro do sistema estruturado de relações sociais do grupo doméstico.

Parece que os pesquisadores não foram em busca do que existia atrás desta ajuda feminina. Mas o significado simbólico do trabalho feminino não é o mesmo, varia de acordo com a posição da mulher no grupo.

Na construção de um campo de forças no grupo, tem que se levar em conta elementos internos - ações específicas dos agentes na unidade - e os elementos externos, provenientes do peso da sociedade global sobre o segmento específico. Internamente ao grupo, sugiro alguns elementos sobre os quais se constrói um campo de poder: controle sobre a vida pessoal feminina (lazer e trabalho feminino), controle sobre a organização da casa, e dos filhos; controle sobre os orçamentos da casa e o pessoal. Esses elementos serão discutidos no decorrer de cada capítulo e vão fornecer pistas sobre a trajetória do poder feminino ao longo da existência das unidades domésticas.

Ao levantar esses pontos não pretendo perder de vista a dinâmica da estrutura do campo de poder doméstico e o jogo de concorrência que se desenvolve dentro do grupo. Mas, apenas, acompanhar as mudanças no poder feminino de acordo com alterações da posição da mulher no grupo doméstico. Esses elementos me ajudarão a aprofundar os mecanismos de funcionamento do poder nestes grupos como também, quais são os instrumentos de dominação comumente usados pelas mulheres para aumentar o seu capital simbólico dentro deles. Bourdieu entende como poder simbólico:

"O poder de constituir ou de transformar a

visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma "illocutionary force" mas que se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras" (Bourdieu, 1989:14-15).

Não existe um poder específico, não é algo que se possui como uma coisa, substantivamente. O que pretendo é desvendar práticas de poder femininas nas relações do grupo doméstico. Quando se caracteriza a relação de gênero e geração na unidade doméstica sob a perspectiva do pólo dominante/subordinado, leva-se em consideração apenas um momento das relações de força no grupo. Essa perspectiva deve ser complementada pela compreensão

de que o poder feminino modifica-se de acordo com o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico e pelo tipo de trabalho realizado pela mulher.

CAPITULO II

DADOS: METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

2.1 Caracterização do Bairro

A cidade de Jaboatão dos Guararapes é formada por três distritos: 1º distrito - Jaboatão; 2º distrito - Muribeca dos Guararapes; 3º distrito - Cavaleiro.

A vila Mário Gouveia, onde encontramos a população estudada, localiza-se em Prazeres, bairro do segundo distrito, Muribeca dos Guararapes. A partir da década de 70 - com a expansão da cidade do Recife e com a implantação das indústrias na área, através dos planos de desenvolvimento regional - formou-se o complexo industrial de Prazeres. O complexo, afirma Araújo, é formado por uma diversificada:

"Gama de indústrias que vieram se instalar no local desde a fábrica de papel a de montagem de veículos, de produtos químicos à de refrigerantes ... a indústria extrativa ao lado da de transformação, de transporte e de produção animal e vegetal criou em Jaboatão um ciclo de atividades de grande rendimento econômico colocando o município, dentro do Estado, em segundo lugar em arrecadação tributária" (Araújo, 1988:144).

Mas não se deve superestimar a importância do núcleo industrial de Prazeres para a população residente no município. Oliveira atenta para o fato de que:

"As indústrias instaladas no município de Jaboatão são uma amostra representativa daquelas indústrias identificadas na pesquisa SUDENE/BNB, já citadas neste documento, que apresentam altos índices de dependência de recursos, de mercado, de fornecimento de insumos e de equipamentos. Essa dependência é agravada pelos seguintes fatores: 1) O pessoal ocupado lotado nos cargos de administração procede basicamente de locais que não o município de Jaboatão; 2) O pessoal da produção, os técnicos, procedem na maior parte de fora do município; 3) O pessoal de escritório procede de fora do município. De todo o pessoal ocupado no setor industrial, apenas cerca de 64% reside no município, segundo o Plano de Desenvolvimento do Município, havendo indícios de que a maior parte desse percentual é composto de empregados de baixa renda." (Oliveira, 1980:41).

Nas imediações das indústrias é que encontramos a população de baixa renda. Mesmo no auge de sua expansão, as indústrias implantadas em Prazeres, possuíam como característica, o fato de

serem poupadoras de mão de obra, tendo como consequência, uma baixa absorção do setor secundário.

Prazeres é um bairro com um diversificado centro comercial e de prestação de serviços. Comércio de alimentação, vestuário, artigos domésticos, produtos veterinários, oficinas de carro, de rádio, e de televisão, bares, restaurantes, etc. No entanto essa variedade de atividades comerciais e de prestação de serviços se reduzem a pequenos negócios sem grande significação econômica e social para o município. O comércio local não absorve o crescimento da mão de obra. Dessa forma, o comércio e os serviços de Prazeres como os do município de Jaboatão dos Guararapes são polarizados pelo terciário recifense, segundo afirma Oliveira (1980).

Como já foi dito, a vila Mário Gouveia localiza-se em Prazeres precisamente à margem da BR-101 sul, principal via de acesso ao estado de Pernambuco para quem vem das regiões sul do país e próxima da BR - 232 eixo de integração com o interior do estado.

A vila foi edificada por uma construtora que leva o mesmo nome, na década de 70, como também outras vilas próximas, concomitantemente à formação do complexo industrial. Esta vila, é uma entre duas outras vilas, que existem ao longo da Estrada da Batalha em Prazeres. Perto da área em estudo existem a vila Ana Gouveia e o Conjunto Guararapes todas as duas com as mesmas características arquitetônicas e de infra-estrutura da vila em tela. Constituíram-se essas vilas como meio de atração e aglutinação de força de trabalho para as indústrias emergentes. Desta

forma, a vila em estudo tem como principal particularidade não ser de uma única fábrica local, mas está vinculada a expansão industrial do distrito.

Segundo moradores mais antigos a vila foi entregue à população com a inexistência de quase todos os serviços básicos de infra-estrutura. A vila não contava com rede de esgotos, com iluminação pública, calçamento, serviço de coleta de lixo e outros bens coletivos. Como disse Oliveira dez anos após a edificação da vila:

"Na parte pobre, há uma diminuição no padrão de qualidade das moradias, à medida que nos dirigimos em direção ao sul do município" (Oliveira, 1980:65/66).

As casas da vila são contíguas, geminadas e todas voltadas para uma rua interna. São divididas por 23 blocos nomeados pelas letras do alfabeto, cada bloco com 12 casas de um lado e do outro, num total de vinte e quatro casas. Cada bloco e cada casa numerada em ordem crescente. Atualmente existem os serviços de infra-estrutura básica, embora, de modo precário.

Quanto a forma de uso das habitações pode se dar por contrato de aluguel ou por plano de compra das moradias feito pela própria construtora. Esta, ainda é proprietária da grande maioria das casas da vila.

Apesar da precariedade, no que diz respeito a qualidade das moradias e de serviços básicos urbanos, a vila Mário Gouveia

apresenta algumas vantagens para as famílias que ali residem.

O bairro de Prazeres, onde se localiza a vila Mário Gouveia situa-se em região localizada atrás das praias. Há uma continuidade entre os limites da parte sul do Recife (praia de Boa Viagem) e as praias de Piedade, Candeias e Barra de Jangada. Além disso, duas avenidas ligam o bairro de Piedade ao de Prazeres, de modo que a proximidade das praias fornece um elemento de diversão a quase nenhum custo, pois é possível ir andando até as praias. Ainda em termos de diversão, existe o Clube Intermunicipal de Prazeres que promove bailes com cantores populares e existe um cinema funcionando no bairro. Ao longo da principal avenida temos churrascarias e bares frequentados pela população local.

A facilidade de deslocamento para o Recife, para as praias do litoral sul do Estado e para o interior são vantagens que se apresentam para os moradores da área. Muitas famílias organizam grupos e fretam ônibus para o final de semana a fim de usufruir de praias mais distantes - as mais procuradas são as praias do Cabo: Gaibú e Itapuama - ou então a procura de bens e serviços mais variados e de menores preços como os de Caruaru.

Para satisfazer as necessidades de alimentação a população da vila conta com a feira de Prazeres que acontece nos sábados e domingos, mas que funciona em menor escala durante a semana no centro de Prazeres. Também existem quatro supermercados e um variado comércio de artigos domésticos todos de gêneros mais simples.

Também encontramos em Prazeres um posto de saúde, o Hospital Geral do município de Jaboatão dos Guararapes e uma maternidade e hospital particular que faz atendimento de urgência para os moradores do bairro.

O acesso direto a cidade do Recife, e particularmente para o bairro de Boa Viagem, oferece boas oportunidades para se conseguir emprego no comércio ou na prestação de serviços pois nessas localidades existem maiores alternativas.

O emprego industrial é outro atrativo. Além do distrito industrial de Prazeres, é relevante a proximidade do distrito industrial do Cabo, que absorve na sua força de trabalho moradores também de Prazeres. Nesse sentido, a vila Mário Gouveia apresenta-se como local de boas possibilidades para se conseguir empregos.

A proximidade do complexo industrial de Prazeres e a composição da mão de obra residente é o que a distinguia como uma vila operária. No entanto, o momento econômico pelo qual o Estado passa repercute na área estudada, uma vez que há um grande número de fábricas que estão fechando ou diminuindo o número de empregados. Nesse sentido, o grupo operário vem buscando alternativas para esta situação uma vez que cresce a importância do trabalho no comércio e na prestação de serviços, para este grupo.

2.2 Delimitação do Grupo Investigado

Antes de descrever o grupo a ser investigado gostaria de

relatar como foi meu encontro com esta temática e área de pesquisa.

No decorrer do meu curso de graduação de Ciências Sociais, concentrei meus interesses de pesquisa na área de Organização Social e Parentesco, mais particularmente no estudo de mulheres trabalhadoras e famílias de pobres urbanos. A partir de 1983, diante da oportunidade oferecida pelo professor Russel Parry Scott de trabalhar em algumas de suas pesquisas sobre famílias de baixa renda, rurais e urbanas, fui me familiarizando com a bibliografia existente sobre o assunto e com a prática de pesquisa de campo nessas populações, observando um pouco a lógica e a dinâmica existentes nesses grupos. O que me chamava atenção nessas pesquisas era a vivência do trabalho doméstico e extradoméstico entre as mulheres. O resultado dessas incursões ao campo materializou-se no meu trabalho de conclusão de curso intitulado *Mulher: Serviço Doméstico versus Trabalho Assalariado*.

Esta monografia visava entender como as mulheres de baixa renda, que desempenhavam uma atividade remunerada, combinavam esta ocupação com os trabalhos domésticos dentro de casa. Foram escolhidas mulheres que tinham como ocupação remunerada tanto o emprego doméstico, como mulheres que exerciam o trabalho operário. A seleção dessas ocupações foram feitas no que elas têm de específico. O trabalho operário aparece como um emprego regular, com uma jornada de trabalho determinada, com salário e cobertura social. Enquanto que o trabalho doméstico é baseado em relações pessoais, sem horários fixos, e geralmente com remuneração fora

dos limites salariais estabelecidos pela legislação do trabalho. A idéia era mostrar através de trabalhos tão distintos as diferentes estratégias utilizadas pelas mulheres para coadunar o trabalho doméstico em sua casa com o trabalho fora do lar.

Foi escolhido o bairro de Prazeres - Jaboatão dos Guararapes - por ser uma área de concentração de baixa renda, conforme afirma Oliveira (1980) e a minha descrição anterior. Dentro de Prazeres selecionei uma invasão denominada Aritana, onde preliminarmente constatei o emprego doméstico assalariado como a principal atividade rentável das mulheres. O segundo local selecionado foi a vila Mário Gouveia, onde verifiquei ser o emprego industrial preponderante entre homens e mulheres a ponto de, na época da pesquisa de campo (1986), ter caracterizado o local como uma vila operária.

Constatei que as mulheres realizam uma dupla jornada de trabalho. O grupo operário, no entanto, apontava para uma pequena alteração em suas atribuições domésticas sinalizando mudanças nas relações de poder, não só entre homens e mulheres, mas também entre mulheres que trabalham como assalariadas e as que não trabalham, dentro de um mesmo grupo doméstico. Como esta situação permanece comecei a refletir se o exercício de uma profissão valorizada, capaz de desenvolver a imagem da mulher dissociada das expectativas tradicionais e da hierarquia de gênero, alteraria ou não seu poder de decisão na família e de sua opção de vida.

Nesse sentido, este estudo visa entender as influências do

trabalho feminino remunerado nas relações de poder do grupo doméstico. Focalizando mulheres inseridas em grupos domésticos que estão em diferentes fases do seu ciclo de desenvolvimento.

Voltando ao assunto da delimitação do grupo investigado quero salientar que este trabalho trata-se de uma pesquisa de retorno. O trabalho de campo para esta pesquisa foi realizado durante os meses de novembro e dezembro de 1992 e janeiro e fevereiro de 1993.

O primeiro problema que enfrentei foi localizar as antigas informantes. Quando da pesquisa anterior, já mencionada, duas fábricas de calçados de borracha arregimentavam a maior parte da mão de obra feminina na vila. Uma delas fechou completamente suas atividades em 1992 e a outra havia feito uma redução no quadro de pessoal no mesmo ano, demitindo cerca de setecentas operárias, de acordo com as informações de alguns moradores. De maneira que muitas mulheres haviam ido embora da vila logo depois que perderam os seus empregos.

Conversando com os moradores, logo percebi que eles não denominavam os trabalhadores da fábrica como operários nem identificavam as indústrias como fábricas. "Os trabalhadores das firmas". As firmas são as indústrias e quem trabalha nelas é o "pessoal das firmas".

Ao chegar na vila procurava as informantes com o endereço em um papel que eu trazia na mão. Aquela pessoa estranha ao lugar, procurando as "meninas" que trabalhavam nas fábricas causou suspeita em muitas pessoas. Quando eu me dirigia para pedir

orientação sobre os endereços, ficavam desconfiadas e viravam o rosto. Até então eu não tinha me identificado como pesquisadora, que via de regra provem de uma classe social diferente dos seus informantes. A presença de uma pessoa que denotava traços de outra classe social, diferente das pessoas da vila, causou receio por parte da comunidade.

No primeiro dia não localizei nenhuma informante. Deduzi então que minha abordagem deveria ser diferente. Procurando uma explicação para a recusa de me dar informações achei que minha lista de endereços (um formulário contínuo de computador) assustava as pessoas. Fazendo sugerir uma formalidade ou quem sabe, alguém ligado a instituições de difícil relação como judiciário, cobranças, etc. Decidi então não ir mais com a lista, mas sim com dois ou três endereços decorados, na tentativa de quebrar o gelo na aproximação.

No segundo dia, não levei a lista, mas sim dois ou três endereços decorados. As pessoas abordadas me reconheceram do dia anterior, me perguntaram se eu era enviada das firmas para recontratar os indivíduos procurados. Nesse sentido minha interpretação de formalidade causada pela lista foi corroborada. No entanto, a interpretação dos moradores da vila foi revertida a meu favor, associando a minha pessoa um sentido positivo de esperança e solução de problemas econômicos.

Logo procurei desmanchar esta impressão. Explicando que não era enviada das *firmas* para chamar as meninas de volta ao trabalho. Nem tão pouco arranjadora de empregos. Eu estava fazendo uma

pesquisa sobre as mulheres que trabalhavam nas fábricas e queria ouvi-las. Com isso senti uma certa decepção quanto as suas expectativas ao meu respeito. Fui informada que seria difícil encontrar mulheres que trabalhassem nas fábricas. Comecei, então, a verificar que depois de seis anos após minham primeira visita à vila, a situação tinha se modificado bastante. Antes seria difícil encontrar uma casa onde ninguém trabalhasse nas fábricas.

Embora estivesse com o endereço das antigas informantes era difícil encontrá-las. As quadras não têm placas e é necessário a informação de algum morador para se localizar na vila. Bom, passada a desconfiança inicial os moradores ajudaram-me na localização das residências.

No terceiro dia na vila eu ainda não tinha encontrado nenhuma informante. Quando encontrava o endereço era avisada que a pessoa a quem eu procurava tinha se mudado ou então os vizinhos nada sabiam informar.

Julgando, a essas alturas que não encontraria mais as antigas informantes resolvi entrevistar uma mulher, comerciante do local, que tinha dado informações sobre a localização das residências. Ela é a única das entrevistadas que nunca passou pelo trabalho operário. Esta entrevistada, no decorrer da pesquisa, não só me prestou informações para localizar as outras mulheres, como também possibilitou um controle na comparação entre profissões diferentes e a posição no grupo doméstico.

Só a partir do quarto dia de pesquisa de campo é que conse-

gui detectar as antigas operárias informantes mas verifiquei que aquelas que ainda moravam na vila tinham mudado de profissão. Com as demissões no setor industrial a maior parte das operárias, quando conseguiam emprego, foram procurar trabalho principalmente no setor comercial e de serviços. Trabalhando em salões de beleza como manicure no bairro de Boa Viagem em Recife ou abrindo seu próprio salão na vila. O comércio e o pequeno comércio autônomo foram também opções encontradas pelas mulheres. Algumas foram para São Paulo e outras se encontravam desempregadas no momento da pesquisa de retorno. Das vinte operárias entrevistadas na pesquisa anterior apenas duas continuavam trabalhando na indústria.

As minhas informantes estavam vivendo uma nova situação profissional. O momento econômico do setor industrial no Brasil, com a queda do emprego manufatureiro, repercutiu na composição ocupacional da vila estudada levando os trabalhadores demitidos no setor formal da economia a procurar empregos em outros setores. As ex-operárias, dessa forma, incorporaram-se ao grupo a ser investigado. Essa nova situação existente nos fez questionar a caracterização a priori de um grupo cuja integração, ou não, no mercado de trabalho industrial está sujeito a variações no próprio sistema econômico. Nos interessava delinear a transição de atividade ocupacional e as repercussões para a situação da mulher dentro do grupo doméstico. Além de fornecer a possibilidade de comparação com as mulheres que permaneceram exercendo a atividade industrial.

As entrevistas foram realizadas entre recusas e consentimen-

tos. O fato de procurar por uma pessoa certa, com nome e endereço, despertava a curiosidade de outros membros da casa e da vizinhança. Tanto é, que com uma das informantes, só foi possível entrevistá-la ao afirmar que já tinha feito entrevista com ela quando de outra pesquisa na vila. O interesse pela entrevista atual deveu-se ao desejo de reconhecer o assunto tratado na pesquisa anterior sobre suas vidas. Entre as que aceitaram a entrevista, algumas mulheres mais jovens tomaram a atitude de defesa, em relação às minhas perguntas, procurando mostrar uma harmonia familiar, falando do consenso existente quanto às questões da casa, como meio de exibir um grupo pobre mas *direito*.

As mulheres que exerciam a atividade industrial eram particularmente difíceis de encontrar pois tinham uma longa jornada de trabalho durante a semana. As entrevistas só eram possíveis nos dias de domingo. Em algumas delas tive que ir mais de duas vezes para me receberem e em alguns casos depois de inúmeras voltas, negaram-me a entrevista.

Em síntese, a composição da população investigada ficou assim definida: a comerciante que abriu os canais para o encontro com as outras entrevistadas, não sendo, portanto, de retorno. Seis entrevistadas as quais retornamos, sendo que duas permanecem como operárias; e quatro em profissões variadas que sugerem a mobilidade profissional das mulheres de baixa renda. As três entrevistadas restantes foram encontradas através de rede de relações escolhidas pelo critério de terem sido ou serem operárias. Estas últimas tiveram também o sentido de tornar a amostra

mais representativa. Entrevistei ainda três cônjuges masculinos e três filhas adolescentes, de diferentes grupos domésticos. Os depoimentos dos cônjuges masculinos permitirão conhecer a mudança de elementos de poder de acordo com o gênero, em determinadas fases do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Os depoimentos dessas filhas dará uma perspectiva dos diferentes conflitos de poder do ponto de vista das gerações.

2.3 As Entrevistadas e Seus Grupos Domésticos

Na atual pesquisa, as entrevistadas (ao todo são dez) que são o foco da análise têm como características comuns, primeiro, o fato de que todas exercem, ou exerceram, atividades de trabalho extradoméstico, sendo que quase todas atuaram na área do trabalho operário, e as que mudaram de profissão o fizeram por conta do desemprego em massa da área estudada. Em segundo lugar, todas pertencem as camadas de pobres urbanos da região metropolitana do Recife, ainda que algumas delas tenham suas famílias ascendentes vindo do interior do Estado de Pernambuco, tendo portanto uma origem rural. Em terceiro, o grau de instrução das mulheres compreende a faixa que vai de sem instrução até o segundo grau completo. Das dez mulheres entrevistadas apenas uma voltou a estudar recomeçando o primeiro grau, e uma terminou o segundo grau. Em quarto lugar, todas as mulheres investigadas são residentes na vila há mais de dez anos. As mais jovens tiveram os seus pais como os primeiros a chegar, senão na vila, pelo menos em lugares bem próximos.

Das dez trabalhadoras escolhidas para compor a população focalizada neste estudo, cinco eram casadas à época da pesquisa. Uma delas estando no seu segundo casamento. Das cinco casadas apenas uma não tinha filhos. Três mulheres estavam separadas e duas eram solteiras no momento da entrevista. O Quadro abaixo dá uma amostra que permite melhor visualização das entrevistadas quanto às condições descritas:

Entrevistas quanto à atividade profissional, número de componentes do grupo doméstico, idade, estado conjugal e número de filhos

atividade profissional	: nº componentes do grupo doméstico	: idade	: estado conjugal	: nº de filhos
Operária 1	: 06	: 24	: casada	: 01
Operária 2	: 03	: 36	: separada	: 02
Operária 3	: 06	: 33	: casada	: 03
Operária 4	: 07	: 27	: solteira	: -
Aposentada	: 07	: 56	: separada	: 04
Secretária	: 02	: 29	: casada	: -
Comerciante	: 05	: 34	: casada	: 03
Manicure 1	: 04	: 31	: casada	: 02
Manicure 2	: 04	: 28	: solteira	: -
Autônoma	: 03	: 29	: separada	: 01

Fonte: Entrevistas realizadas para pesquisa

Entre as quatro operárias atuantes: uma trabalha numa indústria de peças automobilísticas, duas trabalham numa indústria de calçados de borracha e uma numa indústria têxtil. As profissões,

no momento da entrevista, das cinco ex-operárias são: uma secretária; uma vendedora de comida nas praias locais; duas manicures - uma trabalha em casa e outra num salão de beleza em Boa Viagem; finalmente, uma aposentada da indústria têxtil. A última entrevistada foi uma comerciante que nunca havia sido operária.

Com relação as atividades já exercidas há diferenças entre as entrevistadas no que tange as trajetórias ocupacionais. Pertencendo as camadas mais pobres da população o trabalho sempre permeou a vida dessas mulheres. As informantes com mais de trinta anos começaram suas carreiras profissionais como empregadas domésticas. O aprendizado se fez com suas mães, que desde cedo lhes ensinaram essa profissão. Passaram depois por algum tipo de comércio autônomo ou trabalharam como comerciárias, culminando com o trabalho nas indústrias. Após a demissão suas futuras oportunidades de trabalho dependeram do seu capital social e educacional. A única das ex-operárias que tinha segundo grau completo engajou-se numa empresa multinacional, como secretária.

2.4 Coleta de Dados

A técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista estruturada. O roteiro utilizado nas entrevistas está em anexo.

Dividi o roteiro de entrevistas em cinco partes. A primeira parte, intitulada a unidade doméstica, procura identificar a composição dos grupos em questão a fim de saber em que etapa do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico a mulher está inseri-

da.

A segunda e a terceira partes, intituladas respectivamente: O Trabalho Doméstico; e, Renda e Trabalho Remunerado, procura cobrir as áreas de envolvimento dos gêneros e das gerações nesses dois contextos distintos. A segunda parte, voltada estritamente aos assuntos domésticos internos, levanta questões sobre a execução dos serviços domésticos e administração da casa. Preocupei-me em formular perguntas não somente sobre quem realiza esses serviços, mas também, questões que refletissem as representações sobre esses trabalhos. A divisão dos afazeres domésticos é importante para entender a diferenciação e especialização de funções nos grupos apontando para alterações, ou não, das relações de poder na unidade doméstica. A terceira parte, renda e trabalho remunerado, procura cobrir os aspectos relativos ao desempenho da mulher enquanto trabalhadora assalariada, ou não. Como também, discutir sobre o valor dado ao trabalho remunerado e a repercussão da atividade remunerada feminina sobre as decisões do orçamento doméstico e pessoal.

As duas últimas partes: Divertimento; e, Vida Social, questiona sobre alguns aspectos da vida pessoal das informantes. Tais questões objetivam discutir a autonomia feminina sobre suas próprias vidas; e, as possíveis interferências na vida pessoal dependendo da posição geracional e gênero, nas unidades domésticas.

Foram escolhidas mulheres inseridas em dez grupos domésticos. O pequeno número de grupos investigados justifica-se pelo tema

tratado. Como afirma Hirata e Humphrey:

"Em particular, as relações de poder dentro da família, podem ser mais bem desvendadas, por entrevistas em profundidade" (Hirata, H.; Humphrey, J.: 1989,76).

2.5 Técnica de Análise

Ao proceder a análise enfatizaremos os três elementos, adotados teórico e empiricamente, através dos quais o poder feminino se manifesta nos grupos domésticos em diferentes fases do ciclo de desenvolvimento destes grupos. Cada elemento dará destaque a aspectos diferentes do poder que será discutido em cada capítulo

O primeiro elemento é o controle sobre o orçamento da casa e pessoal, discutido no capítulo Renda da Mulher: Orçamento da Casa versus Orçamento Pessoal. Enfatizarei a produção e distribuição da renda gerada pelo trabalho remunerado feminino. O orçamento da casa diz respeito a organização e soma dos rendimentos dos membros do grupo que serão utilizados em proveito de todos.

O segundo elemento é o controle sobre a organização da casa e dos filhos, discutido no capítulo intitulado Divisão Sexual e Geracional dos Trabalhos Domésticos. Focalizarei as ações de cuidar, alimentar, educar os jovens e a manutenção e conservação da casa. Dou destaque ao trabalho doméstico enquanto prestação de serviços.

Finalmente o terceiro elemento é o controle sobre a vida pessoal feminina (trabalho e lazer), discutido no capítulo Trajetória de Vida: Trabalho e Lazer. Ressaltarei a tomada de decisão sobre sua vida pessoal, incluindo inserção no mercado de trabalho e escolha das atividades de diversão.

Destarte, dentro dos grupos estudados de operárias e ex-operárias, analisarei como as mulheres lidam com esses diferentes elementos tomados para discutir a trajetória do poder feminino em grupos domésticos de baixa renda. Além disso estes dados serão comparados com os depoimentos dos cônjuges enriquecendo os aspectos da relação de gênero, bem como com os depoimentos das filhas adolescentes para ressaltar os conflitos e/ou relações geracionais. Finalmente aproveitei o depoimento da mãe de uma entrevistada, que se inseriu na conversa no momento da entrevista, dando também subsídios para o conflito de gerações.

2.6. Apresentação das Informantes

Neste sub-item pretendi mostrar algumas características particulares das informantes entrevistadas. Apresentar caso a caso como estão integradas aos seus grupos domésticos expondo qualitativamente a composição das suas unidades. Enfocarei a formação dos grupos e as trajetórias profissionais das mulheres mostrando que o espaço profissional feminino é marcado por um ir e vir entre trabalhos remunerados que não presupõem necessariamente uma ascensão social.

A operária₁ é casada há menos de três anos. Ela tem vinte e quatro anos de idade. No momento da entrevista tinha nascido o primeiro filho. Estava de licença maternidade do trabalho e pretendia deixar o emprego logo que pudesse, para ficar cuidando do filho que nasceu. O seu marido era seu vizinho na vila Mário Gouveia. Foi seu primeiro namorado. Ele tem vinte e quatro anos e trabalha como embalador numa fábrica local. Passaram três anos de namoro, um de noivado e depois resolveram casar. Namoravam na casa dela e nos finais de semana quando iam juntos à "discoteca". A operária₁ resolveu trabalhar porque queria casar e precisava comprar os móveis da casa. Dessa maneira, dividia com o marido tudo o que compravam para a casa. Seu primeiro emprego foi este na fábrica. Há três anos que trabalha como inspetora de qualidade.

A operária₂ trabalha como costureira industrial numa fábrica de confecções. Quando solteira trabalhou como doméstica em casas de família no bairro de Casa Amarela. A sua mãe morava na vila. Depois que a operária₂ casou passou a vender produtos de beleza, revistas e fazia almofadas em casa. Quando sua mãe invadiu o terreno na vila, a operária₂ mudou-se para lá com o marido e a filha com o objetivo de construir sua casa própria. Conseguiu uma "ficha" na fábrica e passou a trabalhar na Alpargatas. Ficou oito anos nessa fábrica. Quatro anos como costureira industrial e quatro anos como auxiliar de serviço. A operária₂ no momento da entrevista estava separada, morando com as duas filhas. Sua filha mais velha tem dezenove anos, estuda e trabalha como telefonista

em um banco; e, a filha mais nova, de treze anos, apenas estuda. Conheceu seu ex-marido quando trabalhava como doméstica. Morava e trabalhava numa casa de família. Foi numa festa do bairro que começou a namorar com ele. Namoravam na praça. Ele era vendedor gráfico e morava num quarto. Quando a operária₂ ficou grávida, passou a viver com ele. A operária₂ conseguiu o emprego na fábrica enquanto o marido deixou de trabalhar. A separação foi decorrente de um longo período de conflito provocado pelo alcoolismo e consequente abandono do emprego por parte dele.

A operária₃ é casada e trabalha montando conexão de chicote de carro e teste na Ford. Tem trinta e três anos e seu marido trinta e oito anos. Ele é marceneiro. O casal tem três filhos. Duas meninas de respectivamente quinze e treze anos, e um menino, de quatorze anos. Nenhum dos filhos trabalha, só estudam. Mora também com o grupo, um cunhado operário, irmão do marido dela. A operária₃ começou a trabalhar depois de casada. Ela vendia os produtos de marcenaria do marido, devido a baixa remuneração resolveu "pegar uma ficha" e trabalhar na Alpargatas. Depois da demissão procurou emprego na Ford onde está até hoje. A operária₃ conheceu seu marido no bairro onde ela morava, apresentada através de uma amiga que morava na mesma rua dele. Quando estavam com três anos de namoro a operária₃ engravidou, então resolveram casar. Namorava na porta da casa dela. E só saía com ele, quando era solteira, escondido da família. Hoje, com mais de dez anos de casamento, ele trabalha em casa fabricando móveis e a operária₃ trabalha e estuda à noite.

A operária₄ trabalha na Alpargatas, como auxiliar de

produção há sete anos. Não foi demitida na redução do quadro de pessoal. Mora com as mãe viúva e seis irmãos. O irmão mais velho tem trinta e nove anos. A operária⁴ está com vinte e sete anos e sua mãe com sessenta e oito anos. Entre os irmãos apenas três trabalham. Atualmente ela é noiva e pretende casar. Tem dois anos de namoro/noivado. Estão comprando os móveis da casa juntos. Conheceu o namorado numa festa no bairro. Ele mora perto da vila. Nunca saiu sozinha com o noivo/namorado, mas sempre acompanhada de uma amiga ou irmã. Gosta de frequentar as churrascarias locais.

A informante, denominada aposentada tem cinquenta e seis anos de idade. É separada. Mora com quatro filhos, a cunhada, irmã do ex-marido, e um neto. As idades dos filhos variam entre vinte a vinte e seis anos. Sua cunhada tem cinquenta e o neto tem seis anos. Trabalhou quando solteira no cotonifício de Moreno. Quando do nascimento do segundo filho deixou de trabalhar. Sua atividade como tecelã era no tear. Mudou-se para o Recife e foram para a vila. Ela continuou trabalhando vendendo peças íntimas dentro de casa. Atualmente ela recebe uma ajuda do ex-marido e são os filhos que sustentam a casa. Está tentando receber alguma aposentadoria pelos dez anos que trabalhou na fábrica.

A informante secretária tem vinte e nove anos de idade, e no momento da entrevista, estava casada, há apenas um mês. Seu marido tem a mesma idade. Ele é professor primário. Eles moravam na mesma rua desde que tinham onze anos de idade quando se conheceram, mas foi só em mil novecentos e oitenta e nove que resolve-

ram namorar e casar. Desde pequena/adolescente começou a trabalhar. Seu primeiro emprego foi aos treze anos de idade, trabalhava numa gráfica. Aos dezesseis conseguiu uma "ficha" e foi trabalhar na fábrica têxtil São José como inspetora de qualidade. Atualmente trabalha como secretária numa empresa multinacional, o que só aconteceu por haver terminado o segundo grau.

A comerciante é a única das informantes que nunca passou pelo emprego industrial. Tem trinta e quatro anos e é casada. Seu marido tem quarenta anos e eles têm três filhos na idade de doze a dezessete anos. O marido dela é comerciante na feira de Prazeres, onde possui um bar/lanchonete. A filha mais velha é professora de magistério. Os outros filhos só estudam. Ela começou a trabalhar ainda criança. Sua mãe era lavadeira, e a comerciante ficava em casa com os irmãos. Trabalhou como lavadeira quando era solteira, e trabalhou na feira com o marido, depois montou um pequeno comércio em casa. Conheceu seu marido no mesmo bairro onde morava. Foi seu primeiro namorado e se encontravam na casa dela. Como a mãe da comerciante queria adiar o casamento, ela resolveu "fugir" para casar.

A manicure₁ trabalha em casa. Foi operária da Ford. É casada pela segunda vez e mora com dois filhos dela do primeiro casamento. Conheceu seu segundo marido numa festa na própria vila. Ele é analfabeto. A manicure₁ separou-se do primeiro marido porque ele não trabalhava e vivia bebendo, chegando até a bater nela. Abandonou sua própria casa e luta na justiça para reavê-la. Os filhos não trabalham, e têm doze e dez anos, respectivamente. O seu segundo marido é do interior. Ele também é casado pela segunda

vez, mas não teve filhos do primeiro casamento. Depois da separação veio para o Recife trabalhar. No interior trabalhava no corte da cana, e no Recife o seu primeiro emprego foi o de carregador de uma fábrica de açúcar. Depois passou a trabalhar fazendo queijo. Hoje trabalha numa companhia de gás de cozinha como carregador, nesta "firma" começou no serviço geral, ao iniciar os estudos passou a trabalhar entregando gás de cozinha a domicílio.

A manicure₂ tem vinte e oito anos, mora com a irmã de trinta e quatro anos e com a mãe viúva de sessenta e dois anos. É solteira. Trabalhou na Verlon e na Alpargatas, quatro anos em cada uma, na função de costureira de calçados. Foi demitida e passou um ano sem trabalhar. Atualmente trabalha num salão de beleza como manicure. Conseguiu o emprego através da irmã que trabalha no mesmo salão. Também fazem alguns serviços de manicure em casa.

A informante autônoma, que vende comida na praia por estar desempregada, é separada do marido. Trabalhou oito anos numa fábrica de tecelagem até ser demitida. Trabalha desde os doze anos de idade. Ela está atualmente com vinte e seis anos. Conheceu o marido na vila, eram vizinhos, quando casaram ela tinha dezesseis anos. Se separaram porque ele não queria que ela trabalhasse depois de casada. Antes do trabalho na fábrica trabalhou no comércio local. Mora com o filho de dez anos e com a mãe que tem sessenta e três.

CAPITULO III

RENDA DA MULHER: ORÇAMENTO DA CASA VERSUS ORÇAMENTO PESSOAL

A dificuldade de controle sobre um frágil orçamento é a tônica dos trabalhos que se referem a grupos domésticos de baixa renda. Essas famílias vivenciam uma situação de salários insuficientes, onde muitas vezes o salário do pai de família não cobre as necessidades do grupo. A otimização dos recursos de força de trabalho, isto é, a incorporação do máximo de membros ao mercado de trabalho a fim de formar uma renda coletiva que garanta as necessidades de consumo do grupo, é uma estratégia comum entre grupos operários descritos por Durham (1980) e também por Rodrigues (1984). Um outro aspecto de grande relevância, a ser tratado no âmbito dos estudos sobre esta temática, reside na análise do cálculo do orçamento doméstico, um assunto fundamental quando se fala em estratégias de sobrevivência das unidades domésticas pobres.

Os recursos disponíveis estão diretamente alocados, em grupos de baixa renda, nas necessidades de sobrevivência elementares como, por exemplo, aluguel de casa e comida conforme afirma Rodrigues (1980). Sobre o valor da casa do ponto de vista material e simbólico, Woortmann (1982) afirma que ela é o locus de realização do grupo doméstico operário, além de ser a primeira preocupação desses grupos. Já Zaluar (1982) afirma que a comida é o elemento mais importante na hierarquia de consumo entre grupos de baixa renda.

O âmbito do orçamento doméstico, no presente estudo, envolve os gastos com a casa, comida, escola, vestuário, móveis e as contas mensais (água, luz, barraca). Elegemos esses outros elementos porque nos parece que a influência feminina nas decisões sobre tais gastos vai ser determinada pela posição ocupada pela mulher no grupo. Nesse capítulo pretendemos verificar a maneira pela qual a mulher participa das decisões sobre os gastos mensais destinados ao seu consumo pessoal e ao consumo coletivo do grupo doméstico. Também será visto como o maior, ou menor, controle feminino sobre os gastos domésticos e pessoais se refletem nos arranjos de poder no interior do grupo doméstico.

A compra de móveis e eletrodomésticos parecem ser os primeiros investimentos para a formação de um novo grupo doméstico. O projeto de criação de uma nova unidade inclui a economia conjunta para a compra desses bens, quando ainda cada membro fazia parte de duas unidades domésticas diferenciadas. As responsabilidades ligadas à sobrevivência econômica da família de origem dificulta o projeto dos futuros cônjuges, que partilham com o chefe da família a responsabilidade de sobrevivência e proteção do grupo. É o caso do depoimento abaixo:

Operária₄

"É eu e ele (o noivo), não é? Eu não tenho condições de comprar sozinha, não, porque eu tenho a despesa daqui também. Ai ele dá uma parte maior e eu ajudo ele a pagar. Agora não,

porque faz quase um ano que agente não compra nada, a última vez foi uma sala de jantar. Eu ajudei a pagar. Ai ficou a prestação, e na última eu ajudei a pagar".

Inserida em um grupo constituído pela mãe e os irmãos mais velhos, a operária₄, assume, juntamente com os irmãos homens, a responsabilidade econômica pela família. De forma que a canalização dos rendimentos do seu trabalho para um projeto pessoal, se faz em prejuízo do grupo de origem. A expectativa de que os homens providenciam este tipo de coisa para casa, é destruída antes mesmo do casamento. As atribuições masculinas esbarram na situação dos salários insuficientes, onde muitas vezes este não cobre as necessidades de um grupo, levando a inúmeras correções do casal sobre a sua situação que tendem a subestimar as contribuições femininas em termos de uma ajuda.

A aquisição desses bens de consumo duráveis, com a finalidade de formar um grupo doméstico através do casamento, pode ser um incentivo à entrada da mulher no mercado de trabalho. Eis o que aconteceu à operária₁. Quando ainda era solteira e morava na casa dos pais, não trabalhava, e conseqüentemente não possuía uma renda que pudesse dispor para os seus gastos individuais. O projeto de casamento envolveu, ao mesmo tempo, a obtenção de um emprego e a compra dos móveis. Assim, ela diz:

Operária₁

"Porque eu queria me casar, eu era noiva e queria me casar. Ai decidi trabalhar. Comprava

as coisas. Ai dividia com ele e comprava móveis".

Fausto Neto (1982), ao descrever a organização doméstica de famílias operárias, traça o perfil das mulheres que estão inseridas em grupos de constituição familiar recente, ou seja, a primeira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, como mulheres circunscritas a este âmbito, dependentes economicamente do marido e podendo eventualmente realizar trabalhos rentáveis. No caso estudado, encontrei mulheres que se profissionalizam logo no início do casamento, ou mesmo se profissionalizam para casar.

Possuindo uma renda pessoal, fruto do seu trabalho, a mulher que trabalha fora, logo no início do casamento, contribui economicamente com o marido dividindo as despesas da casa como água, luz, aluguel, comida, etc. Todas as despesas da casa são divididas entre o casal. Como afirmam as entrevistadas abaixo:

Secretária

"É dividido. Tudo no racha, tudo dividido, trabalho, despesa, raiva é dividido também".

Operária 1

"Quem vai pagar tudo é eu. Agora a gente divide o dinheiro. Tem mês que eu pago só, tem mês que ele me dá".

Os exemplos apresentados se distanciam do modelo clássico

descrito acima por Fausto Neto (1982) em dois aspectos básicos. Primeiro, não estou tratando de um grupo eminentemente operário; e em segundo lugar, entre os exemplos, a informante secretária, no momento da entrevista, estava apenas com um mês de casamento, não concretizando plenamente a fase de expansão do grupo que acontece com a chegada dos primeiros filhos, quando então há uma tendência da mulher a retirar-se de sua atividade remunerada, passando esta a depender economicamente do marido. Deste modo, estou lidando com informantes que apresentam trajetórias de vida mais heterogêneas.

A operária₁ acabara de ter o seu primeiro filho, e no momento da entrevista estava usufruindo da licença maternidade. Neste sentido, possuindo renda, ainda podia participar junto com o marido da divisão das despesas da casa. Embora no depoimento já se esboçe uma divisão do trabalho, o dinheiro é do casal, mas quem vai pagar é a operária₁. Quanto às decisões sobre a feira da casa, a operária₁ assim falou:

Operária₁

"Para fazer a feira eu dou um pedaço, meu marido também dá. Minha irmã é quem resolve a feira. Se eu quero alguma coisa aí eu peço a ela pra trazer."

A operária₁ tem uma situação peculiar. Como foi dito acima ela acabara de ter o seu primeiro filho. Por causa disso encontrava-se provisoriamente na casa da irmã. A categoria de *dona-de-casa* define quem toma as decisões no âmbito do consumo

doméstico. Fazer semanalmente as compras de bens alimentícios, e escolhê-los indo ao mercado, faz parte de uma porção de tarefas inerentes a função cumprida pela mulher/dona-de-casa.

Casa e comida são os principais gastos dos grupos de baixa renda. O produto do trabalho do pai de família é voltado para esses elementos, principais itens do sustento da casa. De maneira que a orientação dos gastos da renda auferida pelo trabalho remunerado aponta para interferência feminina, ou não, em decisões que seriam tradicionalmente do âmbito masculino.

No que diz respeito ao controle do orçamento da casa a situação da mulher sofre alterações. Quando a sua renda tem um peso maior no orçamento doméstico, a mulher passa a ter maior controle sobre o destino desse orçamento, isto é, vai interferir nas decisões relacionadas com o destino da casa.

A alimentação é tão importante nos grupos de baixa renda, a tal ponto que, o que é considerado despesa, consiste basicamente nos gastos com comida, a feira semanal da família. Essa feira, em geral, é feita pela mulher com o dinheiro dado pelo marido. Cabe à mulher/dona de casa escolher e transformar em comida, segundo as regras maximizantes do grupo, ou seja, fazer render os mantimentos obtidos através da venda da força de trabalho do homem/pai de família. Se o dinheiro do marido não dá para feira, então a mulher, ou algum filho contribui, sinal de que o homem não consegue sustentar a família, o que diminui o seu status diante do grupo e conseqüentemente o seu poder. Nesse sentido, eis o que o marido da manicure₁ nos fala:

Marido da manicure₁

"Eu entrego pra mulher a parte da feira. A outra parte eu fico com ela. Quando ela vai precisando eu vou dando."

A manicure ₁ trabalha em sua residência. Mas no momento o dinheiro que aufera com o seu trabalho não é suficiente para contribuir em casa. Na divisão das responsabilidades não lhe cabe a compra dos alimentos - apenas a sua escolha - mas pode ser esperada a sua contribuição em outros itens da pauta doméstica. Assim nos fala o marido da manicure₁

Marido da Manicure ₁

"Porque ela realmente agora não pode. Ela ajudava também. Comprava um negócio pra ela, comprava um negócio para dentro de casa e tal."

É atribuído ao homem/pai de família a provisão da casa com bens alimentícios. Essa atribuição articula-se com o papel de provedor de renda. O marido da operária₃ não consegue sustentar a casa com o dinheiro do seu trabalho. Comentando o problema de saúde de sua mulher, faz correções acerca da posição dele diante das demandas de consumo do grupo. Eis o que ele diz:

Marido da operária ₃

"Hoje ela tem a cabeça no lugar. Apesar de que desde que eu a conheci ela sempre foi uma

pessoa responsável. Mas ela quer correr muito, quer fazer tudo ao mesmo tempo. Então, aquilo dá um bloqueio. Aí isso afeta justamente a saúde dela. Eu sou assim: No dia que não dá pra fazer, não faz. Se não comprar uma roupa nova pra todo mundo ela morre. Tem que comprar. Mas não é obrigado. Não, porque hoje não tem carne! Não tem carne, pega um ovo come. Amanhã é outro dia. Não vai resolver se aperrear."

Na ausência do marido/pai de família, e quando a mulher/mãe é a chefe, ela concentra todas as decisões sobre o consumo doméstico. A operária₂ a esse respeito nos fala:

Operária₂

"Porque eu não tenho marido, eu tenho as minhas duas filhas, aí eu é que sou tudo aqui".

A operária₂ divide com a filha mais velha, que trabalha fora, os gastos da casa, como por exemplo, as contas mensais e a feira. No entanto, o que é considerado *despesa*, se refere aos gastos com produtos alimentícios, cabendo ao responsável pelo sustento da casa. Eis o que a operária₂ afirma:

Operária₂

"Eu cuido mais da despesa, da feira, da co-

mida. O de A. P. (filha da operária₂) é mais pra pagar água, luz e comprar gás. Aí eu organizo assim, o meu é pra despesa. Raramente eu compro roupa pra mim".

Em grupos onde não há um marido/pai de família, e os filhos são os principais agentes econômicos, as atribuições do pai de família e da dona de casa tendem a se reproduzir com algumas correções entre os filhos e as filhas, ou entre filhos e mães. Os exemplos abaixo são de mulheres inseridas em grupos domésticos onde os filhos são os principais provedores de renda. Eis o que elas falam:

Autônoma

"Das duas. Meu e dela (a mãe). A despesa, a gente sempre divide. Lá em casa é tudo dividido."

Operária 4

"A gente. Cada um paga um pouco. Cada um divide. Um paga a casa, outro paga a comida. Paga a luz, paga a água, paga o gás. Meu irmão ganha mais do que eu um pouco. A despesa mais pesada é dele. O dinheiro da feira é dele."

Aposentada

"A M. H. (filha) também ajuda na feira. Mas tem o J. (filho) que é bailarino e professor

da academia e tem o C. (filho) que trabalha no hotel. Eles ficam mais com a feira".

A escolha dos alimentos cabe à mulher/mãe. A sua experiência no campo do consumo doméstico nunca é considerada superada, ou é dispensada. É na feira que a mulher faz os cálculos, segundo certas regras do grupo, de forma a articular o consumo individual às necessidades coletivas da família. Eis o que afirmam a operária₄ acerca da atuação de sua mãe, bem como o marido da manicure₁:

Operária 4

"Porque minha mãe acha que só ela sabe comprar as coisas, organizar melhor. Ela prefere está de olho no movimento, das coisas que estão mais caras. A gente vai com ela mas quem diz o que vai trazer, o que vai comprar é ela. O que vai pegar. O que ela comprar está comprado."

Marido da manicure₁

"Ela vai com os meninos pra feira. Lá ela resolve o que vai comprar."

Outra situação é quando a participação masculina na escolha dos alimentos é explicada pela mulher em termos de uma incapacidade dela. Eis o que fala a operária₃:

Operária 3

"A gente sabe o que vai comprar toda quinzena.

Ele (o marido) sabe de cabeça mais do que eu.
Eu sou muito esquecida, ele lembra das
coisas."

O marido da operária₃, por sua vez, retifica a sua posição em termos de um precedente dele à esposa. Ele, ao contrário dos outros maridos vai com a mulher à feira:

Marido da operária ₃

"De início, ela ia sozinha fazer a feira.
Depois eu me aproximei porque eu sempre fui
uma pessoa de deixar ela tomar as decisões, tá
entendendo?"

No orçamento doméstico, o elemento casa é central. Do ponto de vista material, para aqueles que não possuem casa própria, o aluguel absorve grande parte da escassa renda dos grupos. O gasto mensal com o aluguel dificulta a satisfação de outras necessidades básicas, como por exemplo, a alimentação.

Woortmann (1982) chama a atenção para os aspectos simbólicos da casa, e como esta relaciona-se com a ideologia da família. Este autor lembra, com muita propriedade, o fato de que as categorias/papéis centrais da organização familiar são o de controladora do consumo, realizada pela mãe/dona de casa, e o de provedor de renda, efetivado pelo pai de família. O status do pai de família está ligado ao da casa própria. Ideologicamente ele é percebido como responsável pela casa. A propriedade de uma casa

assegura para o marido/pai de família, em certas fases ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, o seu status no grupo, além de uma renda, pois, a partir dela (a casa própria), poderá ser montado um negócio doméstico para aqueles que desenvolvem atividades de trabalho no mercado informal. O marido da operária₃ assim, falou:

Marido operária₃

"É o que eu digo a ela, se eu pudesse botar um negócio a gente alugava a casa em outro lugar e tal, mas ela sente uma segurança em mim porque ela é muito nervosa, e não confia em ninguém, nem nela mesmo. Porque eu quero montar um negociozinho. Mas porque ela diz que se a gente fizer uma coisa, o camarada vai querer aumentar o preço do aluguel. Se ele souber que a gente fez isso, vai querer explorar".

O marido da operária₃ é marceneiro autônomo. Trabalha na própria casa, fazendo móveis por encomenda. No entanto, ele gostaria de montar uma pequena movelaria nos fundos de casa para aumentar seus rendimentos que no momento são insuficientes para sustentar a família. O seu projeto vai de encontro com a decisão da operária₃. Eis o que ela fala:

Operária₃

"Ele (o proprietário) vendo a melhoria na casa vai querer aumentar o aluguel. Aí já fica com sabedoria. Nós paga um aluguel baratinho. Aí chega aumentando o aluguel e chega num ponto que não se pode mais pagar o aluguel. E tem que sair da casa e ele aluga por outro preço."

O item escola, embora considerado, em certas etapas do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, como um objetivo da família - conforme afirma Fausto Neto (1982) - cabe especialmente à mulher casada. Muitas vezes os gastos com material escolar servem de incentivo para a entrada das mulheres casadas no mercado de trabalho.

Embora usufrua de uma renda própria, a mulher mãe que trabalha fora, canaliza parte do seu orçamento pessoal para gastos com a educação dos filhos. Assim nos fala esta entrevistada:

Operária₃

"Colégio, material do colégio, sempre pede.
Pago a água, luz, e ainda tem que dá pra
feira, porque as vezes ele não tem. É o
jeito".

Já no vestuário e nos objetos de uso pessoal, parecem recair as exigências da geração mais nova do grupo doméstico. Segundo Zaluar (1982), as roupas são o item principal na hierarquia de consumo dos jovens, e uma das motivações para procurar o assala-

riamento.

Quando a mulher é mãe, não possui um orçamento estritamente pessoal. Suas despesas pessoais estão subordinadas as despesas da casa. Eis o que fala a comerciante:

Comerciante

"Sou eu mesma que compro roupas para as crianças. Quando eu estou com dinheiro, não peço não. Quando eu não tô, eu peço. É uma coisa só. Todo mundo não economiza? Todo mundo não tem suas economias, né?"

A filha, em idade de trabalhar, tem controle sobre o orçamento próprio, utilizado para cobrir suas despesas pessoais. Os depoimentos abaixo dizem respeito à forma como é empregado, e dividido, os seus rendimentos:

Manicure₂

"Oh mulher! Eu recebo pouco, né? Eu compro sapato, compro batom que está faltando, além de ser meu e dela (a mãe). Eu gasto nessas coisas. Mais remédio, que eu preciso, mais perfume".

Filha da Operária ₂

"Eu ajudo a minha mãe e compro as minhas coisas. Dou uma parte a ela e fico com uma

parte para fazer alguma coisa. Eu compro minha roupa, minha mãe compra a dela. As duas compra a da minha irmã, entendeu?"

A investigação revela que a participação das mulheres no processo decisório do orçamento familiar, é diferenciada de acordo com a posição feminina em determinadas fases do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Por exemplo, no que diz respeito aos móveis e eletrodomésticos, que constituem a primeira preocupação das mulheres que estão formando as suas unidades, ocorre uma participação igualitária do casal no processo decisório. Os dois decidem o que vai ser comprado.

No que diz respeito à casa e à alimentação, que constituem a preocupação central das mulheres incluídas na segunda fase de desenvolvimento do grupo doméstico, observa-se que a norma pré-estabelecida pelos grupos pesquisados assinala o papel do homem como o provedor de renda, ou aquele que paga - e o papel da mulher como a articuladora do consumo - ou seja, aquela que escolhe o que vai ser consumido. Todavia, os casos examinados revelam que nem sempre esta expectativa é cumprida, apresentando-se situações onde as mulheres interferem preponderantemente nos rumos da vida familiar, decidindo aspectos tais como a utilização do espaço doméstico para comércio e outras atividades rentáveis.

Para as mulheres inseridas na terceira fase do grupo doméstico, na posição de mães e donas-de-casa, observa-se que o seu poder de articuladora do consumo é sempre reconhecido. No entan-

to, as mulheres inseridas na terceira fase dos grupos domésticos, na posição de filhas, mesmo quando participam efetivamente nas despesas da casa, seu poder de decisão não se estende ao destino do grupo doméstico, resumindo-se às decisões sobre suas despesas pessoais. Para essas últimas categorias de mulheres mencionadas, o vestuário e os objetos de uso pessoal constituem seus principais domínios de poder e motivo de assalariamento.

Parece que o destino da renda auferida pela mulher, através do seu trabalho remunerado, segue a concepção relativa àquilo que é considerado como obrigação de cada membro, dentro do modo como se constroem as relações de gênero e geração no grupo doméstico.

Neste sentido os dados sugerem três situações distintas, que envolvem gênero e geração, nos arranjos de poder dentro do grupo doméstico, consoante as fases de desenvolvimento. Arranjos estes, percebidos através do controle dos orçamentos coletivo e pessoal.

A primeira situação se refere a uma tentativa de manutenção da hierarquia quando o homem é o provedor maior, revelado na ajuda feminina na compra dos utensílios básicos para a constituição do grupo. Mesmo que, na prática, como foi visto e ressaltado anteriormente, o casal participa igualmente.

A segunda situação parece indicar uma inversão da hierarquia, mesmo que o casal tente manter as aparências através de correções de sua condição. Neste caso a maior renda da mulher implica num controle, não só do orçamento, como do destino da vida do grupo.

A terceira, finalmente, se revela quando a experiência da mulher lhe dá o controle sobre o orçamento. O grupo se estrutura geracionalmente em torno do mais experiente. Os filhos são provedores mas não saíram de casa o que caracteriza a terceira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Por outro lado, este arranjo, parece permitir um maior controle sobre a renda pessoal.

CAPITULO IV

DIVISÃO SEXUAL E GERACIONAL DOS TRABALHOS DOMÉSTICOS

De acordo com a organização das relações familiares nos grupos domésticos, em nossa sociedade, os papéis sexuais são definidos segundo atribuições diferenciadas e complementares entre homens e mulheres. É atribuição do marido/pai ser o responsável pelo sustento da família, isto é, ser o principal provedor material do grupo. A esposa/mãe cabe o desempenho do papel de organizadora da casa, se ocupando dos trabalhos domésticos e do cuidado das crianças.

Entre as gerações, a distribuição dos papéis sexuais se reproduz segundo a duplicação dos papéis masculinos e femininos entre os filhos, regido por um padrão de dupla determinação, segundo o sexo e a posição na fátia, conforme afirma Rodrigues (1984). As filhas mais velhas que trabalham remuneradamente, muitas vezes, duplicam as atribuições paternas se ocupando dos meios materiais de sobrevivência desobrigando-se dos afazeres domésticos. Enquanto que as filhas que não trabalham duplicam o papel da mãe de família.

A consideração da abrangência do trabalho doméstico em sua relação com o sistema sócio-econômico da sociedade mais ampla parece orientar-se por diferentes posições teóricas. A questão é colocar o trabalho doméstico como atividade produtiva ou não.

Uma das posições é a de Saffioti (1979) que, em suas consi-

derações acerca do trabalho doméstico, postula ser este uma atividade não capitalista que todavia alimenta esse sistema. O trabalho doméstico, segundo ela, constitui uma instância fundamental da acumulação do capital ao desenvolver um processo de troca com esse sistema.

Uma segunda posição é representada pela perspectiva de Sarti (1983). Ela afirma que a discussão sobre a importância, ou não, do trabalho doméstico para a produção social é irrelevante. A autora realça que o aspecto a ser analisado, fundamentalmente, é a especificidade do trabalho doméstico dentro da família no tocante a este ser um trabalho "para os outros". Isto é, constitui uma prestação de serviços sem remuneração, realizada no âmbito doméstico.

Scott (1988) sugere a necessidade de realização de trabalhos que possibilitem a comparabilidade entre famílias de segmentos sociais diversos. Tal comparabilidade torna-se possível desde que se utilize como parâmetros a questão do controle sobre o próprio trabalho, e o controle sobre o trabalho de terceiros, pelos indivíduos e pelas famílias.

Deste raciocínio, subtede-se que o poder que têm os indivíduos e os grupos para a reprodução social está imbricado com a capacidade que possam ter para controlar seus próprios trabalhos (como indivíduos), os trabalhos dos membros familiares, e ainda o trabalho de pessoas outras, fora das famílias. Uma vez que, no grupo ora investigado, pela sua própria condição social, a ele só é possível controlar as atividades internas à família, este

capítulo visa discutir tais controles, objetivando compreender as relações de poder estabelecidas entre os cônjuges e os demais membros, na dinâmica cotidiana das unidades domésticas.

No meu entender o grupo doméstico é uma unidade de força de trabalho e, como tal, reproduz a estrutura social segmentada da sociedade. Dessa forma, imagino que o grupo se relaciona com o sistema sócio econômico mais amplo, uma vez que ele reproduz em seu seio o sistema de dominação, definindo o trabalho doméstico como uma determinada relação de trabalho na família.

O conteúdo empírico dos trabalhos domésticos incluem a realização de todas as tarefas da casa. Estas, constituem-se basicamente em alimentação da unidade, cuidado com os filhos, limpeza da casa e roupas. Todo o potencial da força de trabalho feminina é gasto dentro de casa, na realização das tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos.

Entre as minhas informantes, que estavam iniciando a formação do seu grupo doméstico, observei que a chegada dos filhos cristaliza a posição feminina de responsável pela manutenção do lar. Intensificando a distribuição sexual dos trabalhos entre os gêneros.

Na unidade operária, o trabalho doméstico cabe integralmente à mulher. Com os filhos ainda pequenos ela é a responsável pelos cuidados com as crianças. Não conta com a participação do marido, nem dos filhos ainda muito pequenos, nas atividades domésticas. Estando de licença maternidade a rotina da operária₁ resume-se ao

trabalho para o grupo. Eis o que ela diz:

Operária₁

"Primeiro eu me acordo, vou olhar as meninas depois vou lavar os pratos. Depois dos pratos vou lavar roupa, depois vou fazer o almoço, depois vou passar roupa".

É também com a chegada dos primeiros filhos que há uma tendência das mulheres abandonarem o trabalho fora do lar (remunerado). Nesta fase o trabalho feminino é subordinado as exigências do grupo.

Na unidade da informante que estava também iniciando a formação do seu grupo doméstico, e não possuía filhos, observei um maior relaxamento quanto à forma como está organizada a distribuição sexual dos trabalhos domésticos. A secretária, comentando acerca do seu cotidiano doméstico, ressalta que:

Secretária

"Arrumação da casa? Eu não ... ele ajuda também. A comida não tem necessidade, durante a semana, de fazer comida. No final de semana eu dou uma improvisada lá. Não sou muito craque nesse negócio não, mas é isso".

O marido da secretária é professor primário. Os dois estavam recém-casados quando da entrevista. Comentando sua participação nos serviços domésticos, ele faz correções sobre atividades que não são de "homem". Eis o que ele fala:

Marido da secretária

**"Eu lavo pratos, menos lavar roupa que não é
comigo não. Homem não sabe fazer isso não".**

Nesse sentido, a presença ou não de filhos na unidade, é fundamental para o trabalho doméstico feminino ser controlado pelo grupo, ou não.

Na segunda fase do ciclo de desenvolvimento do grupo, se diversifica e se hierarquiza a participação nas atividades domésticas dos membros masculinos e femininos no grupo. Esses serviços domésticos vão ser estruturados a partir, em primeiro lugar, da contribuição econômica, ou não, de determinado membro do grupo. Em segundo lugar, da condição de sexo e sua posição na unidade.

A mulher/mãe/esposa/dona de casa, mesmo contribuindo economicamente, continua a ser a mentora dos serviços domésticos. A sua administração é imprescindível para o funcionamento da casa. Os depoimentos abaixo exemplificam como, mesmo recebendo ajuda das filhas nas atividades domésticas, a operária₂ e a comerciante ordenam os fatores domésticos para o funcionamento da casa.

Operária₂

**"Por exemplo: a luz. O homem veio aqui e
multou minha luz eu tive que ir resolver. Tive
que faltar o serviço para ir resolver, chegar
atrasada para ir resolver. Essa coisa é mais**

pra homem. Se tivesse homem dentro de casa quem ia era ele, mas eu tive que ir. Não resolvi no dia, tive que ir no outro. O homem veio e disse que o contador tava girando demais. O gás acabou, elas chegam e dizem: mainha! o gás acabou. Ela não pega o bujão e vai comprar, ou procurar alguém para comprar. Tem que ser eu. A água. Chega a conta elas não têm aquela coisa de dizer: mainha, eu vou pagar a água ou a luz. Ela me dá o dinheiro, eu é que tenho de resolver aquilo ali. Se vai dá pra pagar agora, ou se pra semana é melhor, entendeu?

Comerciante

"Agora eu é que decido tudo aqui, ele nunca fez não. Embora eu ache que os dois têm a mesma obrigação. Levar menino pro médico, matrícula, tudo sou eu. Mas aqui, desde o início, quem resolve aqui sou eu mesmo. Sempre sou eu".

A mulher/mãe é a dirigente das atividades domésticas, sendo consequentemente administradora do trabalho dos filhos que serão postos a serviço da casa. Como se pode perceber nos seguintes depoimentos:

Comerciante

"Rapaz! Faz isso aqui a pulso! Atender. Eles não querem parar dentro de casa. Esse aí fica pra ajudar o pai à noite, e o outro, a tarefa dele é mais catar feijão. Eu ensinei porque eles têm que ajudar, né?".

Operária₃

"Minhas filhas arrumam a casa. Só que a comida eu faço à noite. Quando dá. Quando eu estou com coragem. Quando não dá coragem, quando não estou, aí eu deixo pra elas fazerem. Elas fazem".

Os filhos que não trabalham fora de casa serão os mais aptos a realização dos serviços domésticos, enquanto que aqueles que contribuem economicamente serão poupados de alguns trabalhos de casa. Apesar de ser a mãe, na unidade doméstica, a principal responsável pelos serviços domésticos, alguns destes passam a ser feitos pelos filhos que não trabalham fora. Eis o depoimento da filha da operária₂ que trabalha fora comentando a organização, no final de semana, das compras da casa:

Filha operária₂

"Minha mãe vai com minha irmã pequena fazer a feira e, provavelmente se eu tiver tempo eu vou também. Mas é que as vezes eu chego do

trabalho muito cansada, aí ela deixa, minha mãe me deixa descansando, aí minha irmã vai mais ela".

A mulher conta com a participação dos filhos adolescentes nos serviços domésticos. Desde cedo as filhas adolescentes que não trabalham fora investem-se de seu papel de mulher, sendo suporte do grupo e, principalmente, da mãe/dona de casa/trabalhadora para que esta realize e concretize suas atividades intra e extraluar. O depoimento abaixo ilustra como as filhas ajudam nos serviços domésticos de acordo com a idade e com o fato de trabalhar fora, ou não.

Operária₂

"Arrumação da casa, a cozinha, é a de treze anos que faz, G. A roupa à noite eu chego e boto a roupa no sabão. De manhã antes de eu sair eu enxáguo. Ontem no sábado era pra eu ir trabalhar, mas eu não fui, estava muito cansada e a casa estava muito bagunçada também. Aí no sábado eu me acordei, ajeitei o café, quando eu estou em casa sempre sou eu, aí acordei as meninas que é pra ir pra feira. Aí fica muito cansada, deixei arrumando um pouco a casa. Quando eu cheguei já estava arrumada, aí eu fui terminar o almoço e terminar as roupas. Almocei, estava cansadíssima, aí me deitei um pouquinho".

A casa, para a mulher, na segunda fase, não representa um esforço aceitável para o bom funcionamento do grupo doméstico. Ao contrário, significa um peso na vida da mulher. Uma vez que aos serviços domésticos somam-se as obrigações do mundo do trabalho. O que resulta em queixas sobre "cansaço" e "doenças". Os depoimentos abaixo ilustram a sobrecarga desta dupla jornada de trabalho:

Operária₃

"Não, é assim, sei lá, porque agente que trabalha é uma correria medonha. Lá eu trabalho a vontade, a correria é em casa pra poder chegar lá".

Operária₂

"Porque eu estou me sentindo cansada, não sei porque. Eu trabalhei muito nessa casa. Quando eu fiz essa casa, o ajudante de pedreiro era eu e trabalhava na Alpargatas. Agora comecei a trabalhar o dia inteiro, estou mais cansada porque eu trabalhava na fábrica só meio expediente".

Comerciante

"Não. Sempre eu quis trabalhar. Eu não estava cansada não sei porque. Estou assim toda

dolorida, não sei se estou doente!"

Enquanto a participação dos filhos adolescentes nos serviços domésticos é esperada, a contribuição do marido nessas atividades é mais problemática. Uma vez que esta participação só se realiza nas condições em que o marido não efetiva o seu papel de provedor material, reforçando o poder da mulher/mãe/trabalhadora no sentido de alterar a ordem clássica da distribuição sexual dos trabalhos domésticos.

O depoimento do marido da operária₂ ilustra como a sua esposa influencia tanto a sua participação em casa nos serviços domésticos, quanto nos seus trabalhos remunerados.

Marido da operária₂

"É isso que eu estou dizendo e eu acho que digo a ela também. É nesse ponto de viver mais acomodado, é questão de raciocínio. Quinze anos, quatorze anos, treze anos, não tem necessidade da pessoa sair. Não, o pai tá aí. Quer dizer que ela quer me fazer de mãe agora. Eu estou olhando. Agora que eu estou entendendo a coisa. Ela se sente no meu lugar e quer me por no lugar dela. Apesar que a gente não briga por causa disso. Eu me sinto até bem em fazer, em ajudar. Quando ela chega o feijão está cozinhando, eu fiz, o que é que tem? deu tempo de fazer os meus armários, fazer meus

bancos e tal, de qualquer maneira eu colaborei. Mas se eu pudesse eu tinha meu comércioinho. Já tentei, uma michariazinha guardada pra botar uma lojinha, ela diz: não, porque é casa de aluguel, não porque não pode não".

As mães/donas de casa que não trabalham fora e que estão vivendo na terceira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, mantêm a sua experiência no campo com o cuidado com as crianças, saúde e alimentação.

O preparo dos alimentos, atividade de grande valor para a dona de casa, permanece sobre seu controle. A própria noção de dona de casa se assenta no domínio feminino nessa área. Vejamos os depoimentos tomados:

Mãe da operária₄

"Levanto cedo para cuidar do almoço. Só não assei mesmo a galinha. Mas, graças a Deus o almoço fica pronto. A gente tem que dá pra as filhas. Mas eu não dou pra elas fazer. Ela (operária₄) vive trabalhando. Aí quando chega em casa está cansada. Aí eu faço o serviço todo, vou pra feira. Elas entregam o dinheiro a mim, aí eu cuido da comida. Só pago mesmo pra lavar roupa. Eu não aguento mais lavar roupa!"

Aposentada

"Eu gosto porque eu acho que nasci mesmo pra ser dona de casa. Me sinto bem mesmo. Tem gente que é dona de casa e fica reclamando. Eu não. Olha, eu vou sair amanhã, vou pro Cabo. Eu já estou com feijão no fogão pra deixar pra amanhã. Quando eu sair amanhã a minha cunhada tem um paninho pra lavar. Mas, olhar panela, não tem, não! A comida já está pronta. Eu já deixo tudo pronto. Eu pra sair, eu tenho aquele cuidado. Se eu vou sair amanhã, eu preparo tudo de noite. Se faltar alguma coisa pra preparar, alguma carne, aí minha filha vem mais cedo da escola e prepara. Mas eu gosto de deixar pronto."

Ainda na terceira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, a mulher solteira que trabalha fora, é poupada dos serviços de casa. As filhas solteiras que trabalham fora só executam trabalhos domésticos nos finais de semana. Durante os dias de trabalho os serviços domésticos que realizam dizem respeito as suas necessidades pessoais, como a lavagem de suas roupas ou a preparação de marmitas para levar ao trabalho. Por exemplo:

Manicure₂

"No domingo e na segunda feira e quando largo

de sete, oito, a gente passa uma vassoura na casa, lava os pratos. Quando a gente não pode quem faz isso é a minha mãe que é o dia todinho em casa".

Operária₄

"Quando eu chego. Só final de semana. Esse negócio de limpeza de casa, só final de semana mesmo. Quem cozinha é a minha mãe. Minha irmã que está em casa arruma, passa a roupa. Eu ajudo ela a fazer a limpeza no final de semana. Minha mãe não lava a roupa que é pesado pra ela. Ela tem problemas"... Raramente eu almoço no serviço, eu levo o almoço de casa. Porque eu me sinto mal. As vezes não é por causa do almoço de lá, é porque eu não me dou com feijão, raramente eu como feijão. Aí não gosto de almoçar lá. Aí eu faço a marmita e levo pra lá".

Como se pode perceber, através dessa análise, o trabalho doméstico parece se constituir numa prestação de serviços da mulher para os outros membros do grupo, a fim de garantir a reprodução da força de trabalho para a sociedade mais ampla.

A presença ou não de filhos, na primeira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico implica numa cristalização da

posição feminina enquanto prestadora de serviços para o marido e/ou filhos. Foi visto que a inexistência de filhos ameniza a rigidez da distribuição sexual dos trabalhos domésticos, levando o marido a executar alguns destes serviços.

A multiplicidade das contribuições econômicas e da participação de outros membros do grupo nas atividades domésticas, coloca a mulher/mãe na condição de administradora do grupo. Ela controla as atividades dos filhos que não trabalham fora e organiza a contribuição financeira daqueles que participam economicamente para a renda coletiva da unidade.

Esse papel de administradora da casa, somado ao de executora dos serviços domésticos e atividades remuneradas, acarreta uma sobrecarga de atividades para a mulher/mãe.

No caso do marido que não consegue cumprir o papel de provedor ou compartilhar equitativamente as despesas, é possível haver uma participação dele nos trabalhos domésticos. Mas isto não é necessariamente gerenciado pela mulher, antes é visto como ajuda espontânea por parte dele. Inclusive, o exemplo analisado sugere um conflito subjacente.

Na terceira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, a mulher/mãe que não trabalha fora e que ocupa a posição mais alta na hierarquia feminina, é a referência de socialização e de divisão das atividades das outras mulheres em termos das tarefas domésticas (arrumação da casa, cuidado com os filhos, feira, entre outros). Mas parece que este domínio é intra lar. No que se refere à preparação de alimentos esta mulher reserva para

si o domínio nesse campo, mesmo que concomitantemente também socialize. Uma interpretação possível dessa exclusividade no preparo dos alimentos, reservada por essas mulheres, apresenta-se em duas vias: no lado econômico a maior parte da renda destina-se a aquisição de alimentos; e, no lado da reprodução da força de trabalho, por assim dizer, a comida está no topo da hierarquia do consumo.

Ainda nesta terceira fase, vale salientar, que as filhas solteiras que trabalham remuneradamente são poupadas dos serviços domésticos nos dias de trabalho, só exercendo algumas destas atividades nas suas folgas. Pode-se inferir que essas são poupadas da dupla jornada, dado, que contribuem com o provimento do grupo. Enquanto que no caso das que não trabalham fora chegam a duplicar as atribuições maternas, porém não ultrapassam a autoridade da mãe, mas antes, são gerenciadas por ela na realização das atividades do lar, em alguns casos, substituindo as irmãs que trabalham remuneradamente. Mais uma vez a importância do gênero e da geração, na distribuição do poder nas unidades domésticas, mostra sua força analítica.

CAPITULO V

TRAJETORIA DE VIDA: TRABALHO E LAZER

No capítulo anterior apresentei a análise sobre a divisão sexual e geracional do trabalho no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, e quais são suas consequências no campo do poder. Na continuidade desta discussão apresentarei agora como a trajetória do trabalho remunerado é influenciado pelos arranjos de poder - decorrente do binômio gênero/geração - forjados no interior do grupo doméstico, dado o seu ciclo de desenvolvimento. Vale salientar que a relação das esferas intra e extradoméstica é de mútua influência, e nunca de mão-única, e isto se verá no decorrer deste capítulo.

Dando continuidade discutirei também a organização pessoal do divertimento e lazer, por considerar e ter se evidenciado nos dados, uma relação, se não de dependência, mas que é perpassada pelos valores morais ordenadores do grupo doméstico nesta esfera da vida pessoal.

5.1 Trabalho

Um momento recorrente na vida das mulheres do grupo investigado é o abandono do trabalho remunerado em favor das atividades da casa e do cuidado com os filhos. Sua colaboração econômica é menos importante do que o desenvolvimento das atividades domésti-

cas. Geralmente isto é uma característica da primeira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, a mulher tem como projeto pessoal a manutenção da casa e da unidade, isto é, cristaliza como projeto seu, a sobrevivência do coletivo.

Os textos abaixo ilustram o momento recorrente na vida profissional das informantes, quando assumem a posição de mãe/esposa e resolvem abandonar o emprego assalariado para se concentrar nas atividades domésticas, principalmente os filhos.

Operária₁

"Eu vou deixar ela (a filha) com a minha irmã, até que eu possa sair. Quando eu sair, vou tomar conta dela, porque minha irmã tem uma menina, tem marido, não pode ficar tomando conta do serviço de casa, da filha, e ainda mais da minha. Então eu vou sair do emprego. Meu marido agora arranjou um emprego, aí eu posso sair".

Aposentada

Porque? Por causa da criança. Criança adoece, precisa de uma coisa, precisa de outra, e as vezes quando minha cunhada, irmã dele, estava em casa olhava. Mas e quando tinha que botar gente estranha? Aí sempre que ele chegava, que encontrava um menino com febre, e eu não estava em casa, ficava reclamando porque o

menino está doente. Aí eu resolvi parar de trabalhar para tomar conta das crianças. Eu acho que se eu não tivesse tido filhos, eu acho que eu trabalhava até chegar a época de me aposentar. Mas como tinha os meninos, aí tinha reclamação por causa disso, pra não deixar os meninos sozinhos com estranho para ir trabalhar".

Vale notar que estes depoimentos são de épocas diferentes. O primeiro é de uma mulher que no momento vivia a sua primeira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Enquanto o segundo é de uma mulher na terceira fase, e que se reporta ao seu passado. Entre os dois momentos têm-se mais de trinta anos de diferença mas, há recorrência da mesma decisão: abandono do emprego com a chegada dos filhos.

A não aceitação desse modelo clássico, com a mulher em casa cuidando dos filhos e o homem trabalhando para sustentar a casa, pode levar até ao rompimento/separação do casal. É o caso da informante autônoma, que relata como o fato de não abandonar o emprego assalariado foi motivo importante na sua separação; e, do marido da manicure₁ que descreve a ruptura do primeiro casamento por "falta de informação" da mulher quanto ao ser esposa:

Autônoma

"Aí é que está porque... eu vou resumir. A separação foi muito complicada, eu vou resu-

mir. Porque a gente não se entendia, a gente brigava, discutia muito, eu acho é porque a gente era novo na época. Ciúme, além do ciúme é também porque a gente não se dava mesmo, não se entendia . Ele dizia que eu tinha que ficar em casa tomando conta do menino. Eu acho que não tem nada a ver. Eu sempre tive minha mãe que toma conta do menino".

Marido da manicure₁

"Porque eu me casei muito novo, né? A gente se casa e a gente não tem informação nenhuma quando se casa novo. Aí não dá certo não. De tudo, responsabilidade, a pessoa sai pra trabalhar, a mulher quer ir pra onde quer, ir andar. Ela gostava de andar, ia pra casa da tia. Ai, ai, ai(risos). O feijão quando eu chegava pra comer, se estivesse pronto! Aí desagradei e foi quando deixei ela".

A mulher/mãe/esposa abre mão do trabalho fora em favor da manutenção do grupo doméstico. A sua condição de esposa/mãe determina suas decisões quanto a paralização da sua trajetória profissional. Isto reforça, nesta fase, o modelo de dominação do homem e subordinação da mulher, uma vez que a escolha a nível pessoal de dar continuidade, ou não, a sua carreira profissional, refere-se ao fato de ser provocada por razões internas ao grupo

doméstico. Isto é, a vida profissional da mulher/mãe/esposa submete-se às necessidades da organização do grupo.

Entretanto, a mulher diante da situação econômica instável do marido, muitas vezes não abandona definitivamente sua fonte de renda. A atividade industrial e/ou assalariada, com horários fixos, dificulta a saída da mulher para o trabalho fora da sua residência. Uma opção de trabalho, neste caso da mulher/mãe/esposa, é fazer de sua unidade residencial uma unidade de comércio, possibilitando coadunar as suas atividades domésticas, de mãe e esposa, com um trabalho rentável que possa contribuir para o orçamento da casa. É o caso das informantes aposentada e operária² que, na primeira fase do ciclo das suas unidades, abandonaram o trabalho fora da residência em favor da casa e dos filhos, mas continuaram a exercer uma atividade que lhes proporcionassem alguma renda:

Aposentada

Porque antigamente, há vinte anos, nesta casa, eu vendia "De Millus", eu vendia coisas, eu ia pra Caruaru comprar cerâmica, eu ia mais uma vizinha daqui. A gente ia de manhã e passava o dia em Caruaru e juntava aquela coisa de cerâmica, o carro vinha trazer. "De Millus", já vendi "Hermes", só nunca vendi perfume, mas sempre gostava. Eu acho que essa cansa das minhas pernas foi também de ficar mais acomo-

dada dentro de casa".

Operária₂

"Aí eu trabalhava também, vendia "Avon", eu nunca parei não. Aí ajudava ele. Trabalhava sim, vendia "avon", revista, fazia almofadas".

Com os filhos adolescentes, em idade para trabalhar, a demanda de consumo de bens pessoais aumenta. A situação instável do marido em termos econômicos, acentua-se diante do estabelecimento da composição final do grupo, isto é, o tamanho da família e por efeito das novas necessidades de consumo e de educação dos filhos. Por outro lado, os filhos não necessitam da presença constante da mãe. O que leva a mulher/esposa/mãe a voltar a trabalhar, senão para sustentar a casa, no mínimo para cobrir alguns itens das necessidades econômicas dos filhos. Nesta fase a mulher é responsável pela retomada de sua trajetória profissional. A idade dos filhos e o menor vínculo com as atividades domésticas favorece a entrada da mulher nas atividades industriais e/ou assalariadas, ou atividades que não estejam subordinadas às necessidades da casa. Por exemplo:

Operária₃:

"Porque antigamente eu trabalhava assim: ele fazia tábua de carne, eu pegava umas dez tábuas dessas e ia pra Boa Viagem vender. O dinheiro eu trazia. O dinheiro que recebia, não dava pra ninguém. Aquele dinheiro ali eu

dividia pra feira. Fazia e eu saía pra vender. Aí eu me senti cansada, e digo: eu vou arrumar um emprego. Eu tô naquele lugarzinho só aí trabalhando é melhor. Aí eu fui na Alpargatas, fiz teste e fiquei. E de lá fui pra Ford".

Operária₂

"Aí eu vim praqui. Ele (o marido) não queria vir, eu insisti que ele tinha que vir. Aí depois meu irmão arrumou emprego pra mim na alpargatas e fiquei trabalhando, aí melhorou mais porque eu ajudei ele a fazer isso aqui".

Neste sentido estas mulheres voltaram a ter o controle sobre seu próprio trabalho, uma vez que elas não estão subordinando a sua profissão às necessidades internas do grupo. No que se refere as atividades domésticas os outros membros do grupo têm suas tarefas coordenadas de maneira a proporcionar o tempo necessário, a estas mulheres, para o exercício do trabalho fora. Este poder de decisão sobre a recuperação da vida profissional, favorecido pela novas condições femininas na segunda etapa do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, vai se sobrepor ao poder oriundo da base econômica da mulher trabalhadora, influenciando sobre outros elementos, como veremos adiante.

A filha solteira, cujo grupo se encontra na segunda ou terceira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico,

terá mais controle sobre sua vida pessoal no que diz respeito ao trabalho. O significado imputado ao trabalho remunerado vai além de sua função mais evidente, a de sobrevivência, ressaltada por todas as entrevistadas. Os discursos indicam outros sentidos mais recorrentes, que surgiram nas entrevistas com referência a este tópico específico. Para mais clareza, antes do depoimento, optei por citar o sub-ítem respondido.

- O trabalho como forma de alcançar "maior liberdade"

Aposentada

"Porque já tinha aquelas horas de sair todo o dia , não é? Se eu não trabalhasse, eu só saía ou pra missa, ou para um enterro, ou para visitar um parente uma vez por mês, de dois em dois meses. E trabalhando eu saía todo o dia. Todo dia naquela hora eu tinha que sair. Agora sempre saí nas horas certas e sempre voltei nas horas certas. Mas saía. Fim de tarde a gente encontra as colegas, vai duas, três conversando, porque lá em Moreno a gente anda a cidade todinha. Não é como aqui que tem que apanhar logo o ônibus, principalmente naquela época que eu trabalhava. As vezes eu saía de casa sozinha, quando chegava na fábrica eram com cinco, seis colegas, tudo conversando, contando uma anedota, uma risada, uma coisa, tudo isso".

- Trabalho como meio de desenvolver-se enquanto pessoa.

Operária₁

"Quando eu era solteira tinha vergonha de falar com as pessoas, era muito vergonhosa. Eu melhorei mais quando comecei a trabalhar. Porque lá tenho que falar com todo o mundo. Lá ninguém pode ficar com raiva de ninguém não".

- Trabalho associado ao usufruto de bens materiais de natureza pessoal e independência dos familiares.

Filha da operária₂

"O que levou foi eu ter meu próprio dinheiro, ter minhas coisas. Hoje em dia as mães, os pais, não tem mais aquela responsabilidade, aquelas condições, você quer comprar uma coisa e não pode, não pode dar aos filhos. Você trabalhando é melhor".

Operária₄

Porque eu não tinha o meu dinheiro pra sair, pra passear com algumas colegas, não tinha. Porque não dava pra tirar dinheiro pra eu sair assim. Saía, mas não pra ir viajar. Lugar perto. Aí eu não tinha condições financeiras. Perdi meu irmão mais velho, perdi meu pai.

Ficou uma situação difícil, pagando casa de aluguel. É pagando casa pra gente, mas é mesmo que a prestação, tem que pagar, tem as despesas. Não podia exigir nada, também não tinha direito. Como pobre não faltava comida, mas também não tinha o direito de exigir que eles me dessem dinheiro pra sair. Consegui esse emprego e até hoje eu estou zelando por ele pra que eu fique lá um bocado de tempo ainda."

Passada a fase da adolescência, a filha solteira tem mais controle sobre a sua vida pessoal no que diz respeito ao trabalho. Uma vez que a mulher solteira que trabalha, sendo ativa economicamente, o seu salário torna-se importante para o conjunto de rendimentos do grupo e suas despesas pessoais não serão um peso no orçamento doméstico. A mulher solteira passa a ter maior domínio sobre sua carreira profissional.

Filha da operária₂

"Não, não ia parar de trabalhar não. Porque a gente trabalhando aprende a conviver com as pessoas."

A mãe/esposa, na terceira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico já tem encerrado definitivamente sua carreira profissional. Embora não encerre sua contribuição econômica ao grupo doméstico. Esta virá em termos de benefícios e aposentadorias.

Mãe de Operária₄

"Trabalhei em tempo de solteira. Trabalhava em casa quando casada. Quando eu morava no interior fazia doce. Meu marido não queria não, mas eu gostava por causa do dinheiro. Lavava pra meu sogro, fazia doce pra vender, doce de caju. Pra ajudar pegar no meu dinheiro. Mas eu gostava de ter o meu separado. Depois que meus filhos começaram a trabalhar, eles entregam o dinheiro a mim, eu vou pra feira mas já fico com um dinheirinho e graças a Deus, tenho o meu instituto, do meu marido, aí pronto".

Aposentada

"Porque eu dei entrada para aposentadoria, porque eu paguei muitas minhas contribuições, que eu trabalhei dez anos. Eu entrei na fábrica em quarenta e seis e sai em cinquenta e sete. E essas contribuições ficam marcadas. Agora com o negócio do Funrural, eu tentei o Funrural o ano passado, mas como eu era casada não podia. O Funrural só era pra solteira. Quando foi esse ano, aí aconteceu esse negócio do Funrural ficar suspenso, mas dei entrada pelas contribuições que eu paguei. Uma senhora veio aqui, foi lá no JK, levou meus documen-

tos, aí o rapaz disse que eu fizesse exame no Cabo, aí fiz exame no Cabo e estou aguardando o resultado. Mas como diz que saiu muitas aposentadorias, amanhã eu vou saber do resultado da minha".

A primeira constatação, partindo destes depoimentos, é que o trabalho - remunerado ou rentável - sempre perpassou a vida dessas mulheres. Observa-se também que suas trajetórias estão em relação com o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. De que maneira? Viu-se que na primeira fase do ciclo as mulheres se vêem forçadas a abandonar o trabalho remunerado extraluar. Mas, como a renda do grupo não é suficiente, desenvolvem um trabalho rentável, dentro de casa.

Quando as exigências com o cuidado com os filhos diminui, ou seja, na segunda fase e com os filhos adolescentes, elas retomam o controle sobre seu próprio trabalho, e por outro lado, influenciam na divisão das tarefas intraluar, com consequências no campo do poder, conforme a discussão do capítulo IV.

Junta-se a este fato a entrada das filhas solteiras no mercado de trabalho motivada pelo desejo de maior liberdade, de desenvolvimento pessoal; e, do usufruto de bens materiais independente da família.

Finalmente, na terceira fase do ciclo as mães, embora não trabalhem fora, contribuem através de benefícios e aposentadorias - estes também fruto do trabalho remunerado nas fases anteriores.

Nesse sentido, há uma forte relação, mútua, entre a organização doméstica e o mundo do trabalho.

5.2 Lazer

No grupo estudado, as atividades de lazer, entre as diversas mulheres entrevistadas, foram: praia, discoteca, bares e churrascarias, igreja, a visita a parentes, entre outras coisas. Ir a praia nos finais de semana se destacou nos depoimentos tomados como forma de distração, mais comum, entre as mulheres de todas as idades.

No entanto, a frequência, a esses tipos de diversões varia de acordo com a sua posição no grupo e/ou do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

Quando a mulher se casa, o seu lazer vai se ordenar sob os marcos de outro parâmetro: o da família. Visitar parentes torna-se uma diversão para essas mulheres. Mas qualquer que seja a diversão, nota-se a presença mais frequente do cônjuge masculino na vida das mulheres. Como relatam as duas informantes abaixo:

Operária₁

"Não vou pra canto nenhum, fico em casa. Ia pra casa de minha vó em Igarassu, passava o final de semana e só. O negócio de discoteca acabou quando eu me casei"

Secretária

"não dá tempo (risos). A gente sai muito pouco. Deixa o negócio ficar mais velho que a gente vai procurar alternativa mas agora é praia de vez em quando, sair pra jantar, sei lá. A gente arrumou outra forma de diversão".

A mulher/mãe/esposa que está inserida em um grupo doméstico na segunda fase do ciclo de desenvolvimento do grupo encontra-se envolvida com às exigências do trabalho remunerado, somando-se a isso, as demandas da casa e da família. De maneira que sobra pouco, ou, muitas vezes, nenhum tempo para o lazer pessoal da mulher. Esta é a fase de maior pressão interna (exigências da casa) e externa (mundo do trabalho) sobre a mulher. Eis o que falam as informantes:

Operária₃

"A última vez que eu saí? Saí não. Nunca mais que eu saí. Chego em casa, tem tanta coisa pra fazer, a gente faz uma coisa, faz outra, o tempo passa, pronto. A gente não faz nada. Não tenho coragem de sair pra canto nenhum. É de casa pro trabalho, do trabalho pra casa".

Operária₂

"Eu não faço. Eu ia à praia mas vou mais não. Fico mais em casa. Vou pra casa de mamãe, vou na casa de meu irmão, aí volto, assisto te-

levisão e só. Todo domingo. O pior, é que eu não tenho nenhuma distração. Parece mentira mas eu não tenho. Não tenho amigas pra sair, acho que não saio porque não tenho. Porque mulher aqui é mais crente, não é? minha casa é um silêncio total, a vida inteira. No trabalho eu não tenho amigas. Na Alpargatas eu tinha. Não sei se sou eu que não me envolvo, acho o pessoal lá, uma espécie de baixaria. O estilo assim delas. Por exemplo: eu não sei trocar de roupa e sair pra um barzinho à toa. Tem meninas que faz, troca de roupa e vai. Eu não gosto. É de mim mesma. Eu iria se tivesse uma pessoa que dissesse: vamos, vamos pra um aniversário. Aí é difícil, mas eu vou. É muito ruim eu sair de casa. Eu não saio não".

Comerciante

"Muito difícil eu me divertir, essa semana que eu fui pra um piquinique. Mas a coisa mais difícil é eu sair pra me divertir. Tanto eu como ele. Eu antes ia pra feirinha mas agora não está dando. Agora estamos trabalhando mais para fazer esse conserto. Ainda abriu no domingo. Antes ele não abria nos domingos, mas agora tem necessidade de abrir".

O trabalho que toma a semana inteira e às vezes entra pelo final de semana, parece ser o responsável pela falta de divertimento dessas mulheres. No caso do discurso da operária² sente-se um forte tom moralizante, ao não querer se envolver com as colegas por considerar "uma espécie de baixaria". Esse tom do discurso está associado a valores da classe trabalhadora ligados as regras do bom proceder.

A mãe/mulher/esposa inserida em um grupo na terceira fase do ciclo de desenvolvimento doméstico realiza os divertimentos com a família. Está mais livre para se divertir e aproveitar os momentos com o seu grupo. Ir a igreja aos domingos muitas vezes é uma distração para essas mulheres. Veja o que relata a entrevistada:

Aposentada

"Tem tempo que eu vou pra praia de Gaibu, passeio, tomo banho, tomo uma cervejinha mas também eu não sou muito certinha não, eu sou meia troncha. Ai, tem vezes, que eu vou pra igreja, domingo eu vou pra igreja. Ai eu digo, domingo não vou pra praia, vou ficar, que domingo eu vou pra igreja. Eu gosto assim quando tem um feriado, no fim de semana, que vai até segunda feira. Fui sete de setembro, fui em agosto, no aniversário de T., fui logo na sexta feira para vir na segunda. Ai quando foi na semana da criança, eu fui no sábado e voltei na segunda feira. Ai vai todos e a

minha cunhada fica sozinha em casa".

É na questão do divertimento que parecem surgir os conflitos mais claros entre as mães e as filhas adolescentes que trabalham fora, no que se refere as divedões noturnas. Esse conflito aparece devido a contribuição econômica das filhas para o sustento da casa e a sua impossibilidade de ter domínio sobre sua vida pessoal devido a sua posição no grupo. Os depoimentos abaixo exemplificam como esse conflito é vivenciado entre mães e filhas. A operária₂ a esse respeito relata:

Operária₂

"Eu cheguei e ela tinha deixado um bilhete em cima da mesa que ia sair. Quando eu fui chegando ela já estava se arrumando. Aí eu falei: você não vai não. Quer dizer que, se eu não tivesse chegado agora, você ia sem pedir. Eu deixo, mas ela tem que me pedir. Elas dizem que são meninas presas, mas elas não são. Quando eu não deixo, ela diz: eu trabalho a semana inteira, mainha, e a senhora não quer que eu saia. Eu fico presa aqui dentro de casa. Eu disse: presa aqui sou eu. Você ainda se acha presa? ela acha que trabalha e tem o direito de fazer tudo o que ela quer, mas só que quase ela faz. Enquanto ela tiver comigo, ela não faz tudo. Tem que saber que tem alguém

responsável por ela."

No entanto, os conflitos existentes entre mães e filhas tendem a se amenizar, no sentido que prevalecem, entre as camadas de baixa renda, valores sobre comportamento feminino pautados por uma moral rígida. Isto é, tudo o que se refere ao comportamento feminino se apresenta mediado pelas regras do respeito e da família. Os depoimentos abaixo exemplificam com clareza esses padrões morais aceitos pelas gerações mais novas:

Filha da operária₂

"Eu acho que ela está até certa porque ela se preocupa comigo e com minha irmã. Se preocupa mais comigo porque eu sou a mais nova. Caso aconteça alguma coisa, vamos supor, caso de briga, aí todo mundo vai pra delegacia. Aí vão me perguntar a minha idade. Aí a responsável é a minha mãe, que me deixou sair, eu, menor de idade."

Manicure₂

"Permissão eu sempre tive que pedir, não é? sendo mãe da gente é lógico. Mãe é mãe. Estando dentro de casa eu acho que tem que pedir permissão. Mas é muito difícil. Ela, a maioria deixa. Já disse muito não, mas nesse momento, ela tem deixado. Antigamente ela dizia mais não".

"Eu nunca fui em lugar desconveniente, para minha mãe não deixar. Sair com turminha. Sair com pessoas que ela não tenha confiança. Sair com pessoas que ela não conhece, ela não deixa. Eu sei que ela não vai deixar, eu não peço. Eu não vou, e não fico com raiva, porque eu acho que ela está certa. Como pobre eu tenho tudo que eu quero. Tenho a minha liberdade. Porque eu posso ter a minha casa e depois ficar arrependida, depois não ter aquela liberdade que eu tenho. Pra que eu me precipitar e depois ficar arrependida? Tanta coisa que acontece na vida de uma moça, numa vida sozinha de uma mulher. Eu tenho medo das pessoas ter muita confiança em mim e de repente eu desapontar aquelas pessoas, principalmente a minha mãe, que é uma das pessoas que eu gosto muito e sempre me dá força na hora que eu quero. E eu não gosto desse tipo de coisa não".

Esse tipo de discurso exemplifica valores dos grupos de baixa renda relativos ao papel da mulher. Embora a mulher consiga maior controle sobre sua vida pessoal, através do trabalho remunerado, ela tende a reproduzir as normas de comportamento do

grupo doméstico. Parece que, no caso específico do lazer e divertimento, a posição da mulher dentro do grupo, prevalece sobre a sua contribuição econômica no mesmo.

A praia, como lazer, apresenta-se como um tipo de divertimento que, além de comum e apreciado entre as mulheres jovens, não provoca maiores questionamentos por parte da geração mais velha do grupo doméstico. Geralmente esse lazer é realizado na companhia de pessoas da família ou amigas do bairro. Eis o que falam:

Filha da operária₂

"Eu vou mais a praia com minha irmã ou com minha mãe. Difícil eu ir para uma festa. Porque eu sou a mais nova. Aí minha mãe não deixa eu ir pra clube. Só se tiver colegas mais velhas que vão."

Filha de operária₃

"Eu vou com minhas amigas. Eu gosto muito de praia. Hoje estou doente porque não fui."

Finalizando este capítulo, observa-se que a mulher na primeira fase do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico tem o seu lazer regido pelo parâmetro da família e se faz acompanhar pelo cônjuge.

A mulher/mãe/esposa na segunda fase do ciclo do grupo parece estar vivenciando mais intensamente o problema da dupla jornada

de trabalho. O que sugere uma diminuição dos divertimentos pessoais e mesmo com a família.

Na terceira fase a mulher/mãe parece estar mais liberada dos seus trabalhos domésticos e extradomésticos o que lhe possibilita usufruir melhor, os momentos de lazer com o seu grupo e até mesmo realizar atividades que só lhe dizem respeito. Como por exemplo ir a igreja aos domingos.

É com relação aos divertimentos noturnos que parecem surgir os conflitos entre as filhas que trabalham fora e as suas mães. Estes conflitos, aparentemente, são decorrentes do fato dessas filhas terem uma renda - o que sugere uma certa independência econômica em relação ao grupo - mas ao mesmo tempo estarem, na hierarquia familiar, subordinadas devido a condição de geração mais nova no grupo doméstico.

Enfim o comportamento feminino afigura-se como mediado pelas regras do respeito e da moralidade própria do grupo estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi perseguir as relações do trabalho feminino e do poder na esfera doméstica do universo operário e ex-operário selecionadas entre as moradoras da vila Mário Gouveia, uma comunidade de baixa renda. E como já foi dito constitui-se em uma pesquisa de retorno.

Ao contatar, através da etnografia, com os nossos informantes pude além do enriquecimento humano obter indicadores que possibilitaram fazer correlações e visualizar veios ainda exploráveis nos estudos concernentes as questões da mulher.

Claro que meus resultados não podem ter a condição de conclusões definitivas, sobre o trabalho feminino e suas implicações na questão do poder dentro do grupo doméstico. O mais importante, é o que penso ter conseguido nesta pesquisa que foi um longo aprendizado enquanto pesquisadora na realização de uma dissertação. Levo em consideração as limitações sofridas pelas dificuldades encontradas no trabalho de campo, como também o esforço intelectual de análise e interpretação dos dados, que sempre são resultados de um esforço árduo.

Entretanto, os indicadores que utilizei como parâmetros, demonstram tendências que subscreverei;

A - Na questão do orçamento doméstico, os dados sugerem arranjos diferenciados quanto ao controle sobre os orçamentos coletivo e pessoal. A participação feminina é sentida nas três fases do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

No entanto, o poder de decisão sobre os destinos/rumos da vida do grupo, só é realizado pela mulher quando em situações em que esses arranjos existentes a colocam economicamente na liderança em relação ao gênero, ou então, quando na hierarquia familiar a mulher se encontra na mais alta posição em termos geracionais;

B - A prestação de serviços domésticos, pela mulher ao seu grupo, se faz ou sendo diretamente realizado por ela ou através da administração do trabalho de outros membros colocados a serviço da casa. A chegada dos filhos cristaliza a posição feminina de dona de casa, consolidando então, o grupo doméstico ao cumprir o objetivo de reprodução social. Nesta fase é recorrente o abandono do trabalho fora em favor da unidade. Com o crescimento dos filhos estes parecem ser recrutados para as tarefas do lar até o ponto de permitir o retorno feminino para o trabalho remunerado, dado que a demanda de consumo aumenta, mas o marido/pai não auferir o suficiente para sustentar o grupo. Ao longo do tempo a experiência feminina é respeitada enquanto dona de casa sendo a referência de socialização para o grupo nestas atividades. Até o ponto de, mesmo não sendo a provedora principal, ser a aglutinadora da unidade doméstica em termos geracionais;

C - Neste sentido a trajetória do trabalho remunerado segue, concomitantemente, os diversos arranjos que se forjam ao longo do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. A

vida social e o lazer feminino são pautados pelos parâmetros familiares durante o percurso de existência do grupo. A longa jornada de trabalho parece interferir nas atividades de lazer das mulheres. Entre as filhas solteiras as exigências de sua vida pessoal, aparentemente se contrapõem, as determinações de valores de comportamento do grupo. De forma que, no que se refere ao lazer, tudo indica que a posição da mulher dentro do grupo, prevalece sobre a sua contribuição econômica ao mesmo.

Tomei como indicador do poder feminino possíveis alterações na distribuição dos trabalhos e de atribuições entre os gêneros e as gerações no interior do grupo doméstico.

Parece que, se referindo as relações de poder no grupo, nada é definitivo. E o conceito de ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico permitiu visualizar essa dinâmica no decorrer da existência das unidades. Com o modelo clássico de dominação/masculina e subordinação/feminina; autonomia/geração mais velha, dependência/geração mais nova, sendo construído e desconstruído continuamente de acordo com os arranjos estabelecidos na unidade.

Fui embasada nas considerações de Bourdieu que me alertaram para encontrar no campo doméstico, implícito ao objetivo de cooperação econômica e socialização dos membros, um sistema de relações, construído por meio de aliança e/ou conflitos, de concorrência e/ou cooperação entre os membros do grupo.

Tais fatos sugerem que a luta concorrencial pelo poder no grupo doméstico não coloca em risco a própria existência desses grupos. Antes, alimentam a sua estrutura e reprodução permitindo a sua continuidade. A ameaça de dissolução, quando não se dá o enquadramento ao modelo clássico - homem/provedor, mulher/dona de casa - não se realiza. Mesmo com a separação do casal a mulher permanece com os filhos e estabelece uma relação de concorrência e/ou cooperação com a geração mais nova. Esta última duplicando com algumas correções as atribuições entre os gêneros.

Dessa forma, sugerimos que o poder doméstico é um poder simbólico. Isto é, parafraseando Bourdieu, uma questão de crença na necessidade de sua existência. Ele se produz e se reproduz no interior do próprio grupo doméstico por meio da mobilização e do reconhecimento daqueles que exercem o poder e daqueles que lhe estão sujeitos. Constituído no interior do próprio grupo, os arranjos domésticos, que se cristalizam, determinam a concentração de poder em um ou noutro membro, segundo as fases de existência da unidade.

E tal fato alargou minhas possibilidades de inferir que, no estudo em um grupo de baixa renda, se a mulher concentrou a sua atuação no campo de poder doméstico, é porque conseguiu aliar, naquele momento específico, o fator econômico à sua posição privilegiada na unidade doméstica.

Por outro lado, embora pareça ter sido respondidas algumas das nossas curiosidades iniciais, outras tantas surgiram. Dessas devo salientar:

- I - Pesquisar estes elementos, aqui considerados, em outras classes sociais possibilitando uma análise comparativa;
- II - Verificar se as interpretações que aqui chegamos, ocorrem em outras profissões. Como por exemplo: empresárias, profissionais liberais, funcionárias públicas, etc; que sejam esposas e mães;
- III - Complementar este estudo com o outro pólo da relação, ou seja: a trajetória profissional masculina e suas consequências nos arranjos de poder dentro do grupo doméstico.

B I B L I O G R A F I A

- ABREU, Alice R. de Paiva; SORJ, Bila.
(1993) Trabalho a Domicílio e Relações de Gênero: As Costureiras Externas no Rio de Janeiro. **IN: O Trabalho Invisível: Estudos Sobre Trabalhadores a Domicílio no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora.
- AGUIAR, Neuma.
(1984) **Mulheres na força de trabalho na América Latina análises qualitativas.** Petrópolis: Vozes.
- ALVIM, M. Rosilene B.
(1979) Notas sobre a família num grupo de Operários Têxteis. **IN: Mudança Social no Nordeste - A Reprodução da Subordinação (Estudos sobre Trabalhadores Urbanos).** (Org.) José Sérgio Leite Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ANYON, Jean.
(1990) Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. **Cad.pesq.**, São Paulo (73):13 - 25, maio.
- ARAUJO, Orlando Breno de.
(1988) **Jaboatão, Sua Terra Sua Gente.** Recife: Gráfica Caxangá Ltda.
- BRUSCHINI, Cristina.
(1988) Mulher e Trabalho: Uma avaliação da década da mulher (1975 - 1985). **IN: A condição feminina** (org.) Nanci Valadares de Carvalho - São Paulo: Vértice, ed. Revista dos Tribunais.
- BALANDIER, G.
(1976) **Antropo-lógicas.** São Paulo: Ed. Cultrix.
- BLAY, Eva.
(1981) Dormitórios e Vilas Operárias: O Trabalhador no Espaço Urbano Brasileiro. **IN: Habitação em Questão.** (Org.) Lícia do Prado Valadares. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- BOURDIEU, P.
(1989) **O Poder Simbólico.** Lisboa: Ed. Difel.
- (1987) **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Ed. Perspectiva
- (1983) **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.

- CALABRIA, Francisca M. C. B.
(1985) **Força de Trabalho Feminina no Nordeste: 1950-1980**. Recife: UFPE.
- (1982) **A Atividade Profissional da Mulher e Divisão de Poder entre os Cônjugues**. Recife: UFPE.
- CARDOSO, M. Grazia C.
(1987) **Mulher: Serviço Domestico X Trabalho Assalariado**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Recife: UFPE.
- CARVALHO, Edgar de Assis.
(1987) **Pensamento Selvagem e Relações de Gênero**. Aguas de São Pedro: Anais da ANPOCS.
- CARVALHO, Nanci V. de.
(1988) **A Condição Feminina**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais.
- CORREA, Mariza.
(1983) **Mulher & Família (anotações para definir um objeto de pesquisa)**. Aguas de São Pedro: Grupo de Trabalho Família e Sociedade, VII Encontro Anual da ANPOCS.
- (1988) **Rural, Urbano, Tribal: Antropologia e Família**. Aguas de São Pedro: XII Encontro Anual da ANPOCS.
- (1982) **Repensando a família Patriarcal Brasileira**. IN: **Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense.
- DANTAS PEREIRA, Zuleica.
(1991) **Famílias Pobres Urbanas: Matrifocalidade e Família de Santo**. Recife: UFPE.
- (1994) **O Terreiro Obá Ogunté: Parentesco, Sucessão e Poder**. Dissertação do Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE.
- DUARTE, Luiz F.
(s/d) **Pouca Vergonha, Muita Vergonha: Sexo e Moralidade nas Classes Trabalhadoras Urbanas**. IN: **A Cultura Operária (Aspectos da cultura da Classe Trabalhadora)**. Rio de Janeiro: UFRJ - Museu Nacional. Marco Zero-PROED.
- DURHAM, Eunice R.
(1980) **A Família Operária: Cosciência e Ideologia**. Rio de Janeiro: **Revista de Ciências Sociais** vol. 23, nº 2.
- (1982) **Família e Casamento**. IN: **Anais do III Encontro Nacional da ABEP**. São Paulo.

- FAUSTO NETO, Ana G.
(1982) **Família e Reprodução da Força de Trabalho.**
Petrópolis: Ed. Vozes.
- FONSECA, Romy M. da.
(1988) **Justiça Social e Aborto. IN: A Condição Feminina.**
(Org.) Nanci Valadares de Carvalho. São Paulo:
vértice Ed. Revista dos Tribunais.
- FORTES, Meyer.
(s/d) **O Ciclo do Desenvolvimento do Grupo Doméstico.**
Brasília: Revista da Universidade de Brasília.
- FOUCAULT, Michel.
(1979) **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições
Graal.
- GIULIANI, Paola Cappellin.
(1989) **Silenciosas e Combativas: as contribuições das
mulheres na estrutura sindical no Nordeste
1976/1986. IN: Rebelião e submissão. Estudos sobre a
Condição Feminina.** (Orgs.) Albertina de Oliveira
Costa; Cristina Bruschini, São Paulo: Vértice, Editora
Revista dos Tribunais: Fundação Carlos Chagas.
- HIRATA, Helena; HUMPHREY, John.
(1989) **Trabalhadores Desempregados: Trajetórias de
Operárias e Operários Industriais no Brasil. IN: Revista
Brasileira de Ciências Sociais. Nº 11, vol.4.**
- HOFFNAGEL, Judith C.
(s/d) **Linguagem, Família e Relações de Poder.**
Recife: UFPE.
- LEVINE, A.; SOBER, E ; WRIGHT, E. O.
(1989) **O Marxismo e Individualismo Metodológico. IN:
Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 11, vol.4.**
- LÉVI-STRAUSS, C.
(1989) **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro:
Tempo Brasileiro.
- LEICHT, Eugênio H.
(1993) **Biblioteca Pública Municipal Jaboatão dos
Guararapes: Uma Nova Linguagem para o Espaço
Leitura.** Trabalho de Conclusão de Curso. Recife: UFPE/CAC
- Arquitetura.
- LOPES, José Sergio L.
(1979) **Mudança Social no Nordeste - A Reprodução da
Subordinação.** (Org.) Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- MACHADO SILVA, L.A.
(1978) **Estratos Ocupacionais de Baixa Renda.**
Recife: SUDENE.

----- **Tópicos Sobre o Uso do Solo.** (org.). Rio de Janeiro
Zahar Editores.

MEAD, M.

(1976) **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Ed. Perspectivas.

MORIN, E.

(1973) A Entrevista nas Ciências Sociais no Rádio e na
Televisão. **IN: Linguagem da Cultura de Massa.** Novas Pers-
pectivas e Comunicações. nº 6. Petrópolis: Vozes.

MOTTA, R.; SCOTT, R. P.

(1983) **Sobrevivência e Fontes de Renda: Estratégias das
Famílias de Baixa Renda no Recife.** Recife:
Ed. Massangana/Fundação Joaquim Nabuco.

OLIVEIRA, Francisco.

(1981) **A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista.**
Petrópolis: Ed. Vozes/CEBRAP.

OLIVEIRA, Roberto D.

(1980) **Zona de Atração e Pobreza Urbana: O caso de
Jaboatão.** Recife, UFPE/Dissertação do Mestrado em
Desenvolvimento Urbano.

ORTIZ, Renato.

(1983) **Pierre Bourdieu: Sociologia.** (Org.) São Paulo:
Atica Editora.

PENA, Valéria.

(1988) A Mulher Trabalhadora. **IN: A Condição Feminina.**
(Org.) Nanci Valadares de Carvalho. São Paulo: Vértice
Editora/Revista dos Tribunais.

PERLMAN, J. E.

(1977) **O Mito da Marginalidade. Favelas e Política no
Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

PRADO, Danda.

(1979) **Ser Esposa: A Mais Antiga Profissão.** São Paulo:
Ed. Brasiliense.

RODRIGUES, Arackcy M.

(1980) **Mulher e Família entre Operários e
Funcionários Públicos: Uma Comparação.** Rio de Janeiro
Rev. Adm. Emp. nº 20 (2).

(1984) O Padrão de Distribuição de Papéis Familiares em
Famílias Operárias. **IN: Mulheres na Força de Trabalho na
América Latina: Análises Qualitativas.** Petrópolis: Ed.
Vozes.

SAFFIOTI, Heleieth.

(1979) **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade.** Petrópolis: Ed.Vozes.

(1984) **Mulher Brasileira: Opressão e Exploração.** Rio de Janeiro: Ed. Achiamé.

(1987) **O poder do Macho.** São Paulo: Ed. Moderna.

(1985) **Formas de Participação da Mulher em Movimentos Sociais. IN: Política e Administração.** Rio de Janeiro FESP, nº 2.

SARTI, Cynthia A.

(1983) **Cotidiano Feminino, Lugar dos Outros.** Caxambú: Anais do VII Encontro Anual da ANPOCS.

SCHMINCK, Marianne.

(1976) **Produção Doméstica na Classe Trabalhadora.** Salvador: Anais da Reunião Brasileira de Antropologia.

SCOTT, R. P.

(1993) **A Etnografia da Família das Camadas Médias e Pobres Urbanos: Trabalho, Poder e a Inversão do Público e do Privado.** Caxambú: Anais do VII Encontro Anual da ANPOCS.

(1990) **O Homem na Matrifocalidade: Gênero, Percepção e Experiências do Domínio Doméstico. IN: Cad.Pesq.,** São Paulo (73): 38-47.

(1988) **Comparáveis ou Incomparáveis? Famílias de Trabalhadores Rurais, Pobres Urbanos e Classe Média. (um roteiro de pesquisa sobre o uso social do trabalho).** Recife: UFPE/ Mestrado em Antropologia.

SOUZA-LOBO, Elisabeth

(1991) **A Classe Operária Tem Dois Sexos. Trabalho, Dominação e Resistência.** São Paulo: Ed. Brasiliense/ SMC.

THIOLLENT, Michel.

(1987) **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.** São Paulo: Ed. Polis.

TRIGO, M. Helena B.; BRIOSCHI, Lucila R.

(1990) **As Estruturas Familiares nas Camadas Dominantes.** Caxambú: Anais do XIV Encontro Anual da ANPOCS.

VALLADARES, Lícia do P.
(1981) **Habitação em Questão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

WOORTMANN, Klaas.
(1983) **A família Trabalhadora**. Caxambú: Anais do VII Encontro Anual da ANPOCS.

(1982) Casa e Família Operária. **IN: Anuário Antropológico/80**. Rio de Janeiro: Ed. tempo Brasileiro.

ZALUAR, Alba.
(1982) As Mulheres e a Direção do Consumo Doméstico. Estudo de Papéis Familiares nas Classes Populares Urbanas. **IN: Colcha de Retalhos. Estudos Sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense.

Anexo

Roteiro de Entrevista

1. Unidade Doméstica

- 1.1 Localização;
- 1.2 Quantas pessoas moram na casa;
- 1.3 Quem são essas pessoas;
- 1.4 Qual a idade dessas pessoas;
- 1.5 Quantos trabalham;
- 1.6 Quais são os que trabalham;
- 1.7 Onde trabalham;
- 1.8 Quem não trabalha faz o que;
- 1.9 Situação residencial.

2. Trabalho Doméstico

- 2.1 Quem limpa e quem arruma os móveis da casa;
- 2.2 Quem cozinha;
- 2.3 Quem lava os pratos e panelas;
- 2.4 Quem lava e quem passa a roupa;
- 2.5 Quem dá comida e banho nas crianças;
- 2.6 Quem leva as crianças para a escola;
- 2.7 Quem leva para os médicos e quem dá os remédios para as crianças;
- 2.8 Quem fica com as crianças enquanto você trabalha;
- 2.9 As crianças fazem trabalhos em casa;
- 2.10 Quem ensinou as crianças a fazer os serviços de casa;
- 2.11 Quem vai fisicamente fazer a feira;
- 2.12 De quem é o dinheiro da feira;

- 2.13 Quem decide o que se vai comprar na feira;
- 2.14 De quem é o dinheiro e quem vai comprar roupas para você e para as crianças;
- 2.15 Quem vai pagar fisicamente as contas da casa;
- 2.16 De quem é o dinheiro para pagar estas contas;
- 2.17 O que é ser dona de casa;
- 2.18 Quem você acha que deve decidir sobre os problemas que aparecem na casa;
- 2.19 Em que horários você faz os serviços domésticos.

3. Renda e Trabalho Remunerado

- 3.1 Quem ganha mais na casa;
- 3.2 Qual o horário do seu trabalho;
- 3.3 Faz reserva de dinheiro, se faz reserva, para o que;
- 3.4 Recebe algum benefício;
- 3.5 Recebe ajuda de familiares que não moram na casa;
- 3.6 Por que sempre trabalhou fora;
- 3.7 Se o seu pai (ou marido) ganhasse o suficiente deixaria de trabalhar. Por quê;
- 3.8 Quem você acha que deve trabalhar para sustentar a casa;
- 3.9 O que faz com o dinheiro que ganha;
- 3.10 Qual o seu trabalho;
- 3.11 Seu trabalho é feito à mão ou com o auxílio de máquinas;

4. Divertimento

- 4.1 O que faz para se divertir quando não está trabalhando;
- 4.2 Quando vai se divertir com quem vai;

- 4.3 O que você ou seu marido fazem quando estão com dinheiro para divertirem seus filhos;
- 4.4 Você pede permissão para sair;
- 4.5 Você acha que o divertimento da mulher deve ser controlado, por quê;
- 4.6 Você acha que uma mulher pode resolver a vida dela;

5. Representação Sobre a Vida Social

- 5.1 Como você saiu da casa dos seus pais;
- 5.2 Onde você conheceu seu marido e/ou namorado;
- 5.3 Onde vocês se encontravam;
- 5.4 Por que você se separou do seu marido;
- 5.5 Por que seu filho saiu de casa;
- 5.6 Você acha que o fato de você trabalhar fora foi melhor ou pior para sua família.-

DOAÇÃO BC / PIV
ENTIDADE. _____
VALOR ~~R\$ 4,82~~
DATA 20-10-94

R\$ 30,00

Cardoso, Maria Grazia

Mulher: poder e trabalho
entre operárias e ex-operárias

39/C268m

(1539BC/94)